

ILUSTRAÇÃO

N.º 297 — 13.º ano



INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os idosos, etc.; emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

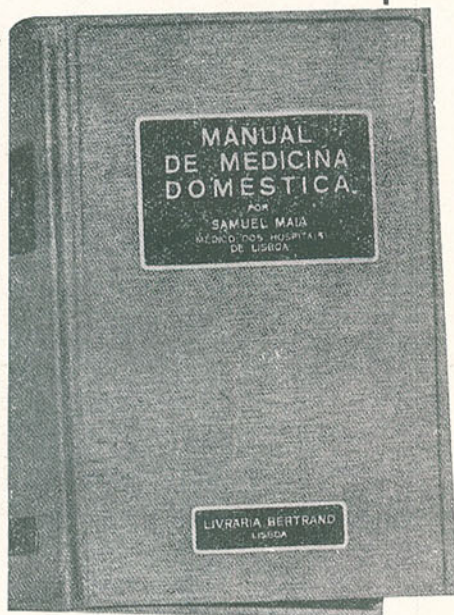
E assim, quando na ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75



ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e Impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ACABA DE APARECER:

GIL VICENTE

O AUTO DA CANANEIA

Texto princeps.

Texto modernizado. Anotações e comentários

DE

AGOSTINHO DE CAMPOS

Sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Um volume, brochado **12\$00**
 Pelo correio à cobrança **13\$50**



Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA



Estoril-Termas

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico

PARQUE DO ESTORIL
ABERTO TODO O ANO

Banhos de água mineral e de
 água do mar quentes. Banhos
 CARBO-GAZOSOS, Duches,
 Irrigações, Pulverizações e In-
 lações, etc. = = = = =

ONDAS CURTAS. DIATER-
 MIA. Raios Ultra-Violetas e In-
 fra-vermelhos. Electricidade mé-
 dica. MECANOTERÁPIA e
 Maçagens. = = = = =

MAÇAGISTAS ESTRANGEIROS ESPECIALIZADOS
CULTURA FÍSICA
AQUECIMENTO CENTRAL

Consulta médica das 9 às 12 - Telef. E. 402. (P. B. X.)

À VENDA:

NOVIDADE LITERÁRIA

ANASTÁCIO DA CUNHA,

o lente penitenciado

(VIDA E OBRA)

POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 286 págs., brochado **12\$00**
 Pelo correio à cobrança **13\$50**

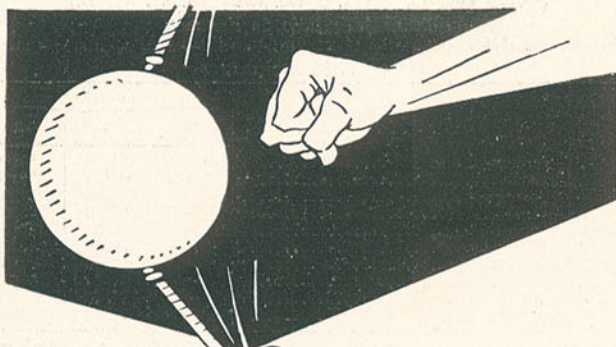
Pedidos à LIVRARIA BERTRAND - 73, R. Garrett, 75 - LISBOA

GRAVADORES
IMPRESSORES

Bertrand, Irmãos, L.ª

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA



**Elasticidade
significa bem estar**

Indisposições físicas ou psíquicas, originadas por dores de cabeça ou de dentes, dificultam o trabalho e estragam o prazer. Para as eliminar tome



Cafiaspirina

O PRODUTO DE CONFIANÇA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podéis acalmar as vossas dores com o

ESPECIFICO BÉJEAN



O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
OS **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos

e todas as dores de origem artrítica
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias
Produits BÉJEAN - Paris

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1937

Esc. 19.983.462\$61

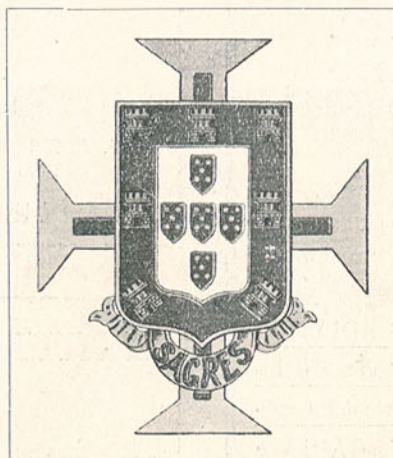
Seguros Acidentes de Trabalho

Seguros de automóveis, Responsabilidade civil, todos os riscos

CONSULTEM

A

SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1937

Esc. 14.645.207\$83

Seguros Postais, Fogo, Marítimos, Agrícolas e Cristais

Seguros de Vida em tôdas as modalidades

CONSULTEM

A

SAGRES

Companhia de Seguros SAGRES

RUA DO OURO, 191 — (Edificio próprio) — Telef. 2 4171

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

A SOLIDARIEDADE DA VIDA NO MAR

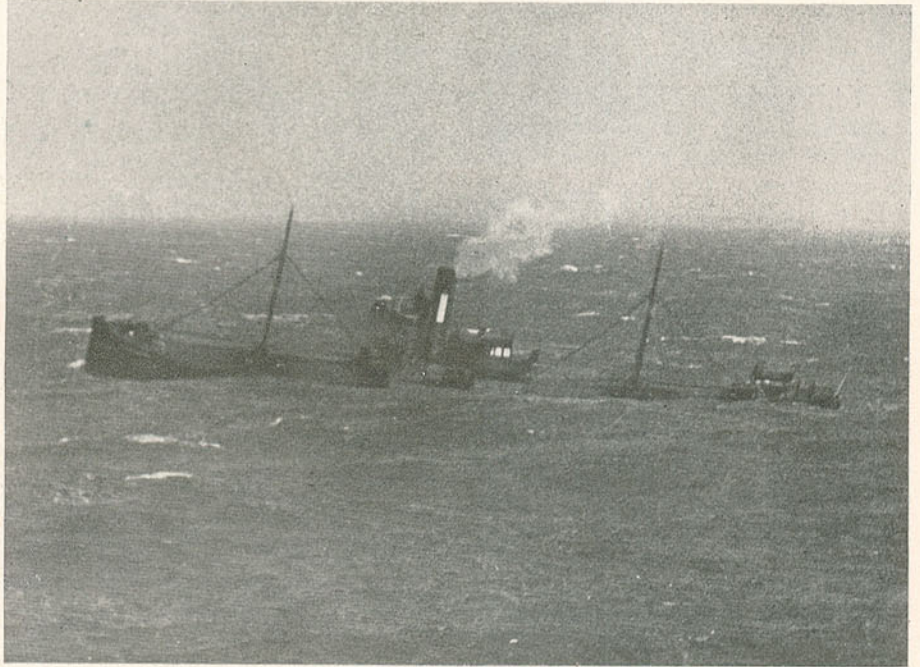
A vida no mar é ainda a que nos pode dar o salutar exemplo de solidariedade de que tanto carecemos. É ali que mais perfeitamente se cumpre o magnânimo preceito do "todos por um e um por todos".

Podem as várias nações degladiar-se, esmagar-se num requinte de ferocidade que a História registará, um dia, como um acto de heroísmo, que a vida dos homens do mar manter-se-á inalterável através dos séculos sem fim.

Nessas águas revoltas que, como o céu que as cobre, parece não ter fim nem princípio, existe a lei do auxílio mútuo, tão puro e desinteressado que leva o homem a salvar — quantas e quantas vezes isto sucede! — o seu pior inimigo!

No mar não se pergunta quem está em perigo para se regular a energia a dar ao auxílio pedido. Basta que se saiba que há vidas em grave risco — e todos correm na mesma ânsia de salvar, elevando sempre o seu gesto às culminâncias da abnegação.

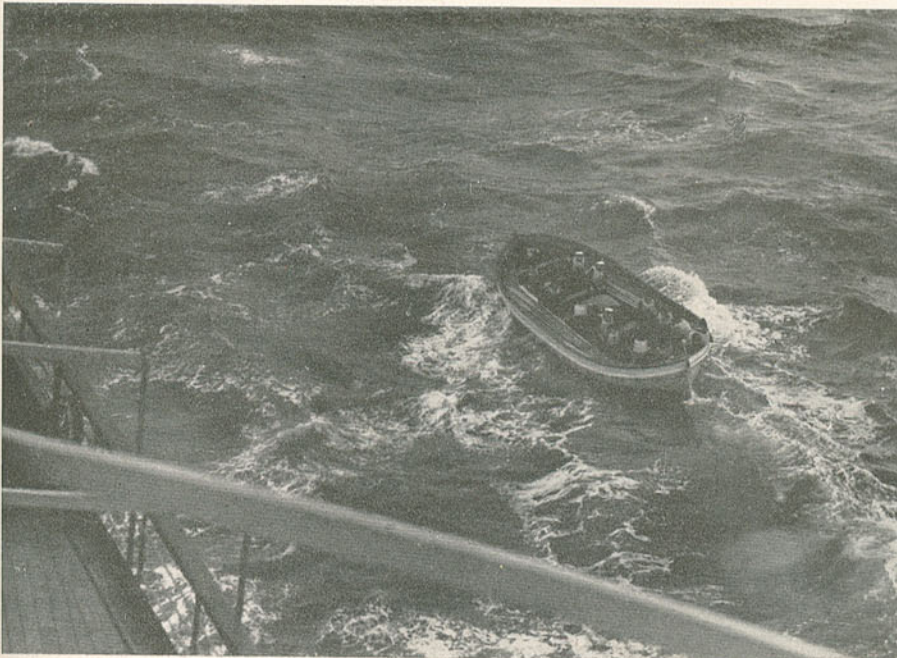
Há dias, o navio inglês "Pegaway", carregado de carvão, afundou-se no Mar



O «Pegaway» afundando-se



O bote do «Wilhelm Gustloff» tentando o salvamento



do Norte em resultado do pavoroso temporal que o açoitou.

O barco alemão "Wilhelm Gustloff", da instituição "Fôrça pela Alegria", acorreu prontamente em seu socorro, afrontando a violência do mar. O primeiro ímpeto da tripulação salvadora foi arrear um bote a-fim-de ganhar tempo.

Mas o mar implacável tentou impor a sua fôrça, impedindo que o barquinho se aproximasse do navio prestes a desaparecer.

Tentou-se então o recurso da lancha salva-vidas automóvel, e os naufragos foram salvos.

Grande e admirável a solidariedade dos homens do mar!

Como seria bom que na terra firme se seguisse também êste humanitário preceito, sacrificando-se todos por um e um por todos.

É possível que, assim, o mundo perdesse a sua característica selvagem tão apreciada por tanta gente, mas daria em compensação muitas e incomensuráveis vantagens.

NOTÍCIAS DA QUINZENA

A equipa nacional de Foot ball que foi à Alemanha tendo sabido manter o seu prestígio por 1 a 1. A gravura mostra os jogadores na "gare," do Rossio. — *Ao centro*: O sr. Presidente da República com o prof. Viana da Mota no dia do jubileu deste insigne músico. — *Em baixo*: O sr. governador civil com os representantes das Juntas de Freguesia de Lisboa, no palácio de Belem, para apresentação de cumprimentos ao sr. general Carmona pelo 10.º aniversário da sua investidura nas funções de Chefe do Estado.



PORTUGAL E BRASIL

No palácio da Embaixada Brasileira foi oferecido um banquete em honra do sr. Presidente da República Portuguesa, tendo esta festa constituído uma demonstração dos sinceros sentimento de amizade que unem Portugal à Pátria Irmã.—EM CIMA: O Chefe do Estado tendo à sua direita a senhora Embaixatriz do Brasil e o sr. Presidente do Conselho.—AO CENTRO: A assistência ao banquete na Embaixada do Brasil

(Fotos Alvaro Camp)



A PRINCESA MARIA LUIZA NA MADEIRA

A princesa Maria Luiza de Inglaterra, tia do rei Jorge VI assistindo ao lanche oferecido em sua honra pelo governador civil do Funchal. Na gravura vêem-se o sr. dr. Alvaro Favila Vieira, deputado à Assembleia Nacional; Miss Gordon Moore, dama de companhia de Sua Alteza; dr. João Abel de Freitas, presidente da Junta Geral; a princesa Maria Luiza; e o dr. Juvenal de Carvalho, governador civil do Funchal



ACTUALIDADES DA QUINZENA

O sr. ministro da Alemanha fazendo a entrega das insignias da «Estréia de Mérito da Águia Alemã» ao prof. Viana da Mota que lhe foi concedida pelo Governo de Berlim. Na Legação da Alemanha foi oferecido um banquete de homenagem ao insigne artista português



O sr. Presidente da República, madame Carmona e o Chefe do Governo entre alguns dos principais convidados para o banquete na Embaixada da Inglaterra em honra do Chefe do Estado. Foram trocados cordiais e significativos discursos que bem patentearam o grau de relações amistosas entre a Inglaterra e Portugal

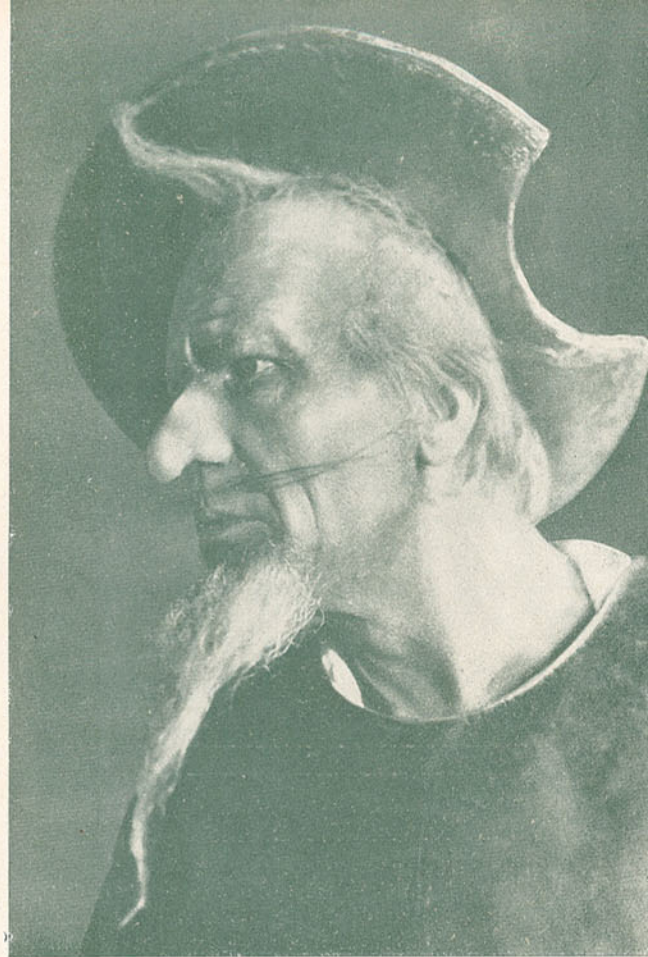


Os membros da direcção da Sociedade de Propaganda de Portugal com o sr. engenheiro Duarte Pacheco, a quem foram cumprimentar e patentear-lhe a sua admiração pelas suas grandes qualidades de organizador, prodigamente manifestadas em trabalhos de vulto. Esta colectividade encontra-se disposta a colaborar dedicadamente com o presidente da Câmara em tudo o que lhe fôr possível adentro das suas funções

FIGURAS E FACTOS



O estado em que ficou um eléctrico que embateu com outro na rua de Santa Apolónia. Um dos guarda-freios ficou gravemente ferido, sendo preso o outro, a-fim-de se apurarem responsabilidades, visto ser êle que conduzia o carro por linha contrária, originando assim o desastre



O famoso cantor Chaliapine falecido há dias em Paris com 65 anos de idade. Os médicos tentaram todos os recursos ao seu alcance, tendo-lhe feito várias transfusões de sangue, mas tudo em vão. O mal era de morte



O sr. governador civil com os sargentos no seu gabinete que foram fazer a entrega do Sanatório construído em Alcabideche com quotasções e donativos angariados entre eles. — A' direita: o representante do Chefe do Estado, sr. general Amílcar Mota e o sr. ministro das Colónias com a direcção da Sociedade de Geografia na sessão solene inaugural da «Semana das Colónias»



José de Esaguy não cansa. Após a obra monumental *Marrócos* dá-nos *Cartas do diplomata Jorge Pedro Colaço sobre um empréstimo de 100 mil pesos duros negociado com o Imperador Marroquino Muley Sleiman, por ordem da Junta Suprema do Algarve*. O título, por si, é o melhor elogio da obra do ilustre escritor



O primeiro dos dez bimotores de bombardeamento destinados à Aeronáutica Militar que aterrou na pista de Tancos, vindo da Alemanha. Veio munido de três metralhadoras que serão colocadas em tórrés à frente e á retaguarda e por debaixo da fuselagem. Transporta ainda uma carga de mil quilos de bombas, o que representa um importante poder militar. Este aparelho, verdadeiramente modelar, fez uma marcha magnífica à média horária de cerca de 350 quilómetros com escala por Salamanca



Retrato do Cardinal Salviati, por Benozzo Gozzoli

tos misteriosos das suas crenças. Os negros,

por exemplo, só agora e com a sua cumplicidade dos brancos, ensaiam as primeiras semelhanças fisionómicas. As religiões, consoante iam nascendo nas almas dos povos, em paralelo com o desenvolvimento das observações directas da natureza e com os aperfeiçoamentos das qualidades plásticas de cada indivíduo de cada grei ou raça, ia-os absorvendo totalmente, atemorizando-os — quem sabe? — ao ponto de, em pleno apogeu das suas civilizações, os deuses serem copiados dos homens, mas nunca qualquer máscara reproduzia este ou aquele em especial, pois se assim não fôsse, os deuses deixariam de o ser. E nos povos mais avançados e mais dotados do génio artístico, quando calhou pretenderem gravar a lembrança de qualquer personalidade superior, como sempre era feita a obra para glorificação dum

retrato em Arte, propriamente dito, nasce com a escultura. A lenda da filha de Debutades, assim o diz. No homem da caverna desponta a necessidade de pelo desenho e pelo relevo, criar a forma e os movimentos dos animais, inclusivamente do seu semelhante. A preocupação retratística, sendo natural como comentário, logo se manifesta.

Os povos bárbaros, os primitivos, serviram-se desse instinto plástico para, com a figuração animal, inventarem a imaginação idólatra ou de crítica, mais ou menos disfarçada sob um decorativismo particular, mas na qual nunca o objectivismo retratístico os seduziu de todo, ou por deficiências de visão ou por respei-

moito ou dum vivo servindo uma divindade, essas tentativas eram fantasiosas, sem rigores de traços fisionómicos, e bem ao contrário, sujeitos a uma concepção preconcebida, para que o Além ou a Beleza deísta, fôsse de pureza ideal e nunca de realismo cruel. Seria inútil citar exemplos; os egípcios e em parte os gregos, valem por todos os menores. Nas artes mais orientais, pomposas e fantasistas, o caso é perfeitamente igual.

Os romanos, porém, dominadores e positivos, alargaram a sua visualidade de artistas até à reprodução do homem, pelo mérito e pelo tipo do mesmo homem. Os heróis, os tiranos, os chefes e as mulheres da política, foram retratados em bustos, em estátuas e até em frescos. Es-



Grupo de retratos, entre os quais se vê o próprio artista que no barrete tem o nome — por Benozzo Gozzoli

SOB O CÉU DA FLORENÇA

A ARTE DO PINTOR BENOZZO-GOZZOLI

Um retrato que se torna um arquitecto de apoteoses

tes, no entanto, foram os últimos na conquista, e em muito menor número, quasi incidental. Nápoles possui a melhor co-



Túmulo de Julião de Medici, por Miguel Angelo

lecção destes retratos a fresco; ao todo, haverá no Mundo meia centena dêles, ao passo que em escultura e anteriores, há muitas centenas de retratos. A descoberta de tais pinturas é relativamente recente, embora seja incontável a preocupação pertinz do seu realismo, apanhado do natural, tal qualmente nos bustos dos imperadores e doutros comandantes dos povos. As moedas e as medalhas dêstes, são outra grande prova de que o retrato nasceu da escultura, ainda que se afirmasse ser esta criada só para deuses.

Com o Cristianismo o retrato voltou ao disfarce das imaginações, mais ou menos baseado na realidade. Os Santos e os Apóstolos, eram visionados com particularidades obcecadas de mistério. Falseava-se a verdade da vida, para se criar uma verdade subjectiva, irreal. Os mártires e os papas perseguidos, eram glorificados com disfarces semelhantes, porque a própria religião proibia as semelhanças humanas na arte, como uma profanação pagã.

As primeiras imagens de Cristo, sem barbas, macilento e longo, sofriram do mesmo despotismo de idealização, para que os incultos ou os

adversos não transformassem a sua obra divina, num fanatismo de idolatrias falsas, como os que a religião combatia. Do



Palácio Riccardi em Florença

lado do Oriente vieram os primeiros estilismos em mosaicos. Mas eram sempre estilismos. A imagem da Virgem, que foi das mais cultivadas, foi sempre e continua a sê-lo, idealizada em cânones especiais de beleza, num tipo celestial arrancado, por suposição dos mais amaneirados da terra. Até aos séculos X ou XI, o retrato, no Cristianismo, é uma fantasia sentimental, e por vezes, dogmática.

O retrato, depois dos romanos, só renasce verdadeiramente com a escultura pouco anterior ao período gótico. São os túmulos românicos, com as suas jacentes e os tampos baixo-relevados, sobretudo, que o fazem ressurgir em toda a franquesa; são, depois, as estátuas das catedrais, com uma ou outra figura real, colhida do natural; são os medalhões com a effigie dos mestres canteiros; e são as quimeras e os modilhões decorativos com as caricaturas de certos tipos, servindo de embuste a censuras pessoais, que tornam o retrato uma realidade plástica. Por vezes talhados ás escondidas ou lavrados com fins de adulação, e até alguns esculpidos de memória, nos sepulcros, guardam ainda certo ar de fantasia no seu jeito naturalizado de quem pretende definir determinado indivíduo, sem escravizar a forma á verdade. No entanto,

Grupo de personagens que precedem Castreccio Castreccio, no painel dos «Reis Magos», da capella do palácio de Medici, em Florença

foram êles que serviram para o desenvolvimento da pintura que os imita. A escultura glorificava os mortos; e a pintura adulava os vivos.

Primeiro aparecem nos paines, sem grandes cuidados de exactidão, com maneiras religiosas, figurando os doadores em ponto pequenino e aos pés dos santos. Mais tarde, pelo abuso das idéas democráticas, estes mesmos doadores vão crescendo, posando até para as fisionomias, e estampam-se nas glorificações maiores, já misturados com a côrte celestial, embora de joelhos perante a Virgem, mas de modo a serem reconhecidos pelos adoradores dos quadros e assim, compartilharem das suas preces. Isto dá-se na Itália e dá-se nos Países-Baixos. S. Francisco de Assis, entretanto, trouxera na alma a semente de grandes revoluções. A da Arte fôra tão grande como a das crenças. O aparecimento do seu autêntico retrato, por Berlinghieri, fôra um claro. Humanisava-se a pintura pelas sensações da vida que a fé engrandecia. Logo outros santos e outros pintores, em deficientes estilos de desenho, colhidos dos antigos frescos, dos mosaicos bizantinos, dos grafitos primitivos, das tímidas iluminuras e, sobretudo, da estatuária, seguiram aquele audaz exemplo. Certa irrealdade acrescida no sonho e dirigida ao abstrato das expressões religiosas, causou na inspiração dos artistas as ingénuas imagens de S. Zanóbio, de Santa Clara, de S. Verano, de Santo António e outros. Giotto, finalmente retratou Dante. Era a vitória da Fé, da Pintura e da Poesia: — S. Francisco, Giotto e Dante.



Retrato de Julião de Medici — por Gozzoli

O dinheiro, a vaidade burguesa e as desinteligências da Igreja, além da perturbação belicosa que agitava o Mundo, consentiram e estimularam até, o destaque dos heróis e dos benfeitores ricos que se levantaram e puzeram a par das imagens sagradas, nos paines de altar, colocando-se no mesmo plano e no mesmo tamanho dos bemaenturados, emprestando a êstes, freqüentemente, as suas máscaras e indumentárias, para numa





O painel dos «Reis Magos» — por Benozzo Gozzoli

igualdade assustadora, lhes vivificar os corpos.

Na escultura chega o seu orgulho e a sua ousadia a colocar-se no primeiro plano das composições e num realce de volume plástico, que diminua a religiosidade dos retábulos. Por último, com a revolta das civilizações que iniciam o individualismo, deparamos com o retrato do homem inteiramente isolado, independente de motivos estranhos com os quais já se não mistura, ou em agrupamentos familiares e de corporação, senhor duma importância nova que a sua auto-idolatria defende. O retrato pessoal conquistara o Mundo, com o egoísmo lógico que levou o homem a proclamar-se rei de todos os animais e a discutir os dogmas, ousando duvidar das impecabilidades dos deuses.

A Renascença fôra a obra da tremenda revolução que aqueles três génios anunciaram, e foi o advento pomposo do valor humano, que justifica o retrato físico e integral.

Na Flandres, na Catalunha, na Alemanha, em França, na Itália, em Portugal, em toda a parte, enfim, o homem passou a ser retratado com o mesmo amor com que se idealizavam os santos. Uns esperos mercadores de Florença, assim como uns guerrilheiros lombardos — os Médicis e os Strozis — tornaram possível o brilho de muitas estrelas. Donatello e Giovanni Amadeo foram benéficos relâmpagos na escultura. Dezenas de outros, até Buonarrotti, deslumbraram a terra. Este, porém, no seu conflituoso trato com os homens, a-pesar-de ter concebido o céu como uma parte da terra, desprezou o retrato porque, considerando a Arte glorificadora de virtudes, não reconheceu aos homens a honra do seu cinzel. Ao reproduzir os Médicis, desfigurou-os. Outro tanto não aconteceu com Verrochio, com Brunelleschi, com Desidério de Settignano, com Rosselino e com Mimo de Fiésole, que os perpetuaram, tal e qual.

Frei Angélico, retratou apenas o céu; mas nos conventos onde rezou, deixou lembranças íntimas de S. Domingos, S. Lourenço e outros bemaventurados. O seu temperamento, que era de puro idealismo, e iluminado por um misticismo extra mundano, transfigurava os personagens em que tocava. Por isso quedou sem mácula, enorme e á parté. Nas celas pegadas á sua, Pontormo retratou o *Pai da Pátria*. Lá se vêem também retratos de Savonarola e de Machiavelli. Os génios do Renascimento acompanhavam o

triumfo dos Médicis — os banqueiros que atentos ao fiel da balança onde as revoluções se agitavam, subiram a trônos reais e da Igreja — e assim, entre tantos e tantos seus pintores e retratistas, Benozzo Gozzoli obteve cuidados particulares de paixão. Masaccio, Uccello, Piero della Francesca, Botticelli, Castagno, Ghirlandaio, Filippino Lippi, Lucca Signorelli, Pisanello e mil outros não empanaram a admiração que no

cemitério de Pisa se vota áquele formidável retratista, e que pela Itália além, em abalões benditos de entusiasmo, quasi esfacelando a sensibilidade dos mortais que os procuram em comovidos choques, nos arrazam os nervos de todo, dadas as ardências do nosso sentir, que não conhece métodos nem reservas.

Gózzoli deslumbrou-me. Por toda a parte o busquei, jamais me provocando sensações que não fôsem inéditas e fortes, com a nobreza das suas composições, o gôsto heráldico e majestoso dos seus frescos e a proibidade real dos seus dotes de retratista. Nas representações dos mosteiros com assuntos religiosos, no geral franciscanos, êle é sempre um grande retratista e um exuberante arquitecto de

apoteoses. No Palácio Riccardi, dentro de paredes estreitas duma pequena capela, a sua personalidade de extraordinário compositor, atingiu o máximo de esplendor. Gentile di Fabriano e Benedetto Bonfigli, com quem teve parentescos, ficaram áquem. A sua concepção do céu era festiva como se o copiasse das quermesses da terra; por isso os seus quadros limitados a motivos religiosos eram menos expressivos, quanto êle sabia fantasiar o céu, porque o seu génio nascera duma rara visualidade, destinado á retratação de mercadores e magistrados, de senhorios e de fidalgos. Êle foi, por assim dizer, a face oposta do Beato Angélico. O conflito veio da vida que viviam, cuidando um dos retratos pessoais dos heróis e o outro dos espirituais dos eleitos, com solenidades contrárias, embora igualmente sublimes.

Gózzoli, que se chamou na pia de baptismo *Benozzo di Lese*, pela mão dos Médicis e dos franciscanos, andou por Seca e Meca a encher palácios e templos, com os seus famosos frescos e as suas tábuas de nítido desenho e sábias composições. Em S. Gemignano, na antiga Colegiada e na igreja de Santo Agostinho; no museu de S. Francisco, em Montefalco; na cela de Cósimo, em S. Marcos, de Florença; na igreja de Santa Rosa, em Viterbo; nos altares da Sé, de Orvieto; no tabernáculo de Legoli, em Castel Fiorentino; na capela do Sacramento, no Vaticano, de colaboração com Angélico; nas paredes enormes do Cemitério Santo, de Pisa; no palácio dos Médicis, em Florença — sua terra natal — e em mil outros buracos onde o seu génio entrou humildemente para os enriquecer para a Eternidade, gastaram-se-lhe os 77 anos duma existência activa, para nos legar mais duma centena de painéis. E só em Pistóia, depois de tantas canceiras, no convento de S. Domingos, os seus ossos foram dados á terra, numa campa de lugar incerto, que a minha devoção procurou para lhe rezar agradecido, pelo gôsto que nêle colhi.

Ghirlandáio, Lippi e Rosselli foram seus irmãos mais próximos, na arte. Um dos seus mestres mais antigos foi Lorenzetti. Mas a sua escola de transfigurador de fisionomias e de visionista fiel, de compositor de majestosos quadros e de delicado esteta, é a de Crivelli, de Cósimo Tura, de Francesco Cossa, de Lorenzo de Crédi e de tantos e tantos que vão até Antonello de Messina, compondo uma parada admirável. Indubitavelmente que a escola retratística, oriunda da estatuária romana e das basílicas do século XII, dos túmulos e das medalhas, foi a mais agitada de todas, porque veio da vida.

Em Portugal tivemos o caso importantíssimo de Nuno Gonçalves, porventura, motivando, ainda que indirectamente, a escola retratística de Espanha, e que de século para século, até chegar a Sequeira e a Columbano, impôs ao Mundo uma Escola Portuguesa. Mas sobre êste milagre há que baixar igualmente os olhos aos sepulcros mais antigos, para explicar o aparecimento de tal pintura.



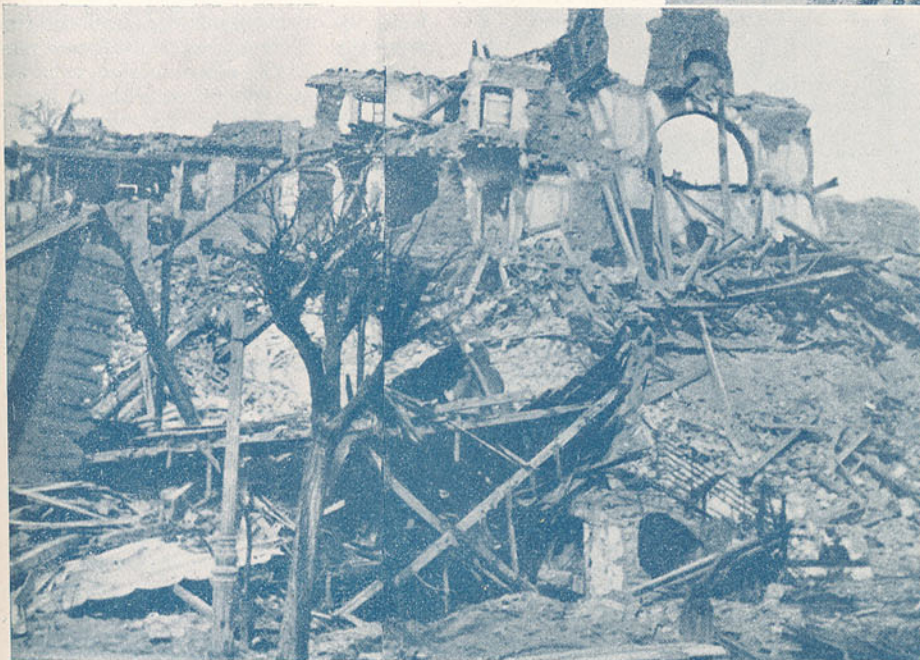
Florença vista da Campanella

VISTAS DE ESPANHA

TERUEL



Em cima: A formosa t6rre da igreja de S. Salvador em Teruel, ap6s o bombardeamento. — *A direita:* Ruínas do Semin6rio em Teruel. — *Ao centro:* O general Yague na serra Palomera. — *Em baixo:* Ruínas do G6verno Civil de Teruel — Um trecho de Teruel ap6s a entrada das tropas nacionalistas





Fazendo-se ao mar bravio

A cidade de Aveiro, que há dias embandeirou em arco, ostentando o que de mais belo possui ante os olhos dos forasteiros, não deverá deixar de comemorar o aniversário da morte da sua princesa que a Igreja santificou.

Trata-se da princesa Santa Joana, filha de D. Afonso V, que tanto se desvelou por esta região.

Nascida em 1452, e orfã de mãe aos cinco anos, a princesa teve por perceptora D. Beatriz de Meneses que a orientou na senda da caridade.

Ignoramos que profundo desgano a levou a abandonar as coisas do mundo, quando os três herdeiros das corôas de Inglaterra, França e Alemanha disputavam entre si a mão da princesa.

Sepultou-se no claustro e ali passou os melhores dias da sua mocidade.

No dia 12 de Maio de 1490 morreu com 38 anos de idade, havendo quem dissesse ter sido envenenada por uma dona expulsa de Aveiro pela sua vida desregrada.

Diz uma lenda que, "quando o cadáver da santa veio para o côro de baixo, passando por entre as flores que ela cultivara, estas murcharam de saudade, aquebrando-se-lhes as hastes."



A ponte sobre a ria

As ultimas festas realizadas em Aveiro revestiram a mais extraordinária imponência de há um século. E o povo aveirense reviveu dias felizes!

Depois de uma longa ausência, voltamos a encontrar os mesmos tipos, as mesmas paisagens, os mesmos costumes.

Tudo na mesma, senão melhor. A cidade de Aveiro não envelheceu. Está cada vez mais linda. Há cinquenta e seis anos Monteiro Ramalho traçava assim as suas impressões após uma curta visita:

"Numa manhã, fria e chuvosa, havia feira grande na proximidade de Aveiro e a ria estava cheia de barcos da Murtosa, os quais têm o mesmo feito pitoresco dos outros, sendo porém garridamente pintados de vermelho. Então, na tristeza da manhã baça e humida, era delicioso ver partir aqueles barcos, um por um, carregados de bacoritos pretos que grunham, e de murtoseiras feias que falavam agachadas sob grandes guarda-chuvas azuis e vermelhos. O ar empoeirava-se sorumbaticamente com a chuvinha espalhada que caía; o céu, duma negrura compacta, estendia tons sinistros pelas águas enrugadas da ria; e no meio desta desolação completa e soberana, os barcos da Murtosa iam correndo alegremente, levados pelo vento que lhes embarrigava correctamente as pequenas velas quadradas só postas na parte superior dos mastros.

E viam-se ao longe deslisando serenamente por entre as verduras extensas que encobriam a água os perfis quietos das velas, tôdas molhadas, moverem-se por ali fora como que por um maquinismo invisível e mágico. De resto, devo confessar que esta bela ria nunca me pareceu um canal veneziano ou um canal holandês; e ainda que isso lhes vá causar um justo espanto, a verdade é que a ria de Aveiro pareceu-me simplesmente um canal aveirense. Efeitos perniciosos de tanchas vistas.

TRADIÇÕES DE SEMPRE PESCADORES DE AVEIRO

Sua vida inalterável através dos tempos

Tôdas as vezes que o sol contrafeito,



A Costa Nova

nos intervalos quentes das chuvas, coava trabalhosamente por entre nuvens leves uma luz esbranquiçada e vacilante, nos paredões marginais da ria viam-se corpos valentes de barqueiros deitados ao comprido, a dormir; e nos parapeitos das pontes havia também curiosos ajuntamentos de marnotos e pescadores, debruçados e atentos para as águas marulhosas da ria. Conservavam-se neste exercício animado durante longas horas, sempre fitando a água atraente; e, visto por quem passava, tinham aspectos exqu岸itos, vagamente árabes, metidos dentro dos seus gabões de velha saragoça e capuzes postos na cabeça. Disseram-me uma vez:

— São os *lazzaroni* de Aveiro. E é de facto, notável que, enquanto os pescadores de Murtosa, Ilhavo, e doutras povoações perto de Aveiro, abandonam as suas terras desde que o mar se mostra sáfaro, indo diligentemente a regiões estranhas procurar o pão, os pescadores propriamente aveirenses, quer o mar dê quer não, nunca saem da cidade querida, passando as inverneiras tormentosas em permanentes psalmiceiras e lamentos. São duma mandriência quasi orgulhosa, e tão entranhada têm, segundo parece, a noção poética do lar, que preferem resignadamente fomes tremendas a desertá-lo. E consolam-se então, singularmente, com ir para as pontes amigas fitar com ternura as águas marulhosas da ria...



Pescadores na Costa Nova

nha janela bisbilhoteira; homem carrancudo, barba preta e chata, sempre descalço e falando só, baixinho, palavras surdas que se perdiam sob o marulho brando das águas próximas. Em geral, chovia com força; e êle, cuidadosamente metido no seu gabão indispensável, o capuz bicudo atirado por cima do barrete, lá ia caminhando pachorrotamente, fustigado pelas bâtegas ásperas, todo encharcado, — mas aconchegando debaixo do gabão um bom guarda-chuva novo, para se não molhar, coitado!

Um dia, passei pelo "bairro dos pescadores", que é, afinal, a parte mais interessante de Aveiro, com a uniformidade constante dos seus longos arruamentos, em que dum lado e doutro se erguem modestamente as casas tôdas iguais dos pescadores, — um pavimento, e a fachada estreita, branca de cal, aberta ao centro numa porta larga, ladeada de duas pequenas janelas. Dentro, no chão térreo, alasta-se uma camada de juncos verdes, finos; móveis pobres mas limpinhos; pelas paredes caídas, muitas imagens religiosas; mas um traço sobretudo característico é o costume antigo que tem aquela boa gente, de conservar sempre abertos, — (durante o dia, entende-se...) — as portas dos quartos, ostentando singela-

mente a riqueza das camas espaçosas tôdas cobertas de colchas e lençois arrendados, espectaculosos, brilhando alvamente no meio de tôda a aseada pobreza circunjacente.

Sentadas às portas algumas velhas *mães* faziam as rendas proverbiais, com uma bela agilidade das grossas mãos, livres e hábeis por entre o embarço extraordinário dos bilros inúmeros; mocetonas florentes, ao pé, cosiam ou fiavam; e por algumas janelas, viam-se figuras rijas de pescadores novos, delicadamente inclinados sobre as grandes violas, de cordas zumbidoras, feridas em queixumes soluçantes com aquela doce tristura cadente, em que parece refletirem-se as plangências infinitas do lírico oceano...

Era assim a vida aveirense de há meio século, e é a de hoje sem tirar nem pôr.

A inovações do progresso deram novos confortos, mas não abalaram a tradição enraizada no coração dessa boa gente que adora o mar que lhe dá o sustento, que lhe dá as maiores alegrias, que lhe dá as mais acerbas tristezas, que lhe dá a morte... Pobres pescadores! acertaram a suprema soberania do mar e acatam-lhe, submissos e resignados, as suas terríveis sentenças.

O mar é bom. Castiga como um deus, e sempre com justiça embora o espírito exíguo dos sacrificados não possa abarcar tão altos designios. Ruge a tempestade. Mais um barco que se afunda no seio frio das águas arrastando vidas que tão preciosas eram.

Mas à tempestade sucede sempre a bonança... Limpam-se os horizontes. E novos barcos partem à conta de Deus e da princesa Santa Joana que não deixará de interceder por êles junto do trono do Altíssimo.

Aveiro! linda terra que, vista uma vez, nunca mais esquece!



O formoso retrato da Princesa Santa Joana (Museu regional de Aveiro)

As festas realizadas há dias nesta formosa cidade vieram avivar ainda mais a nossa profunda saudade.

Dentro de dias passará mais um aniversário da morte da princesa Santa Joana que Aveiro tem de conservar como sua padroeira. Se, reunindo o que de puramente tradicional, organizou o cortejo folclórico, que tanto encantou os forasteiros, é seu dever agora render homenagem à sua desvelada protectora que tanto lhe quiz.

O coração da princesa, amando como a gente portuguesa sabe amar, deveria ter sofrido um tal abalo que lhe abriu um enorme vócuo.

E foi a cidade de Aveiro que o preencheu!

Que os aveirenses não esqueçam isto nunca...

Esquecer é ser ingrato — e a ingratidão foi sempre um crime imperdoável.



Saveiro na barra

O DIA DO GRANDE IMPÉRIO ALEMÃO



Um enfermo conduzido ao local eleitoral em Viena, a fim de votar no plebiscito que confirmaria a anexação da Austria à Alemanha



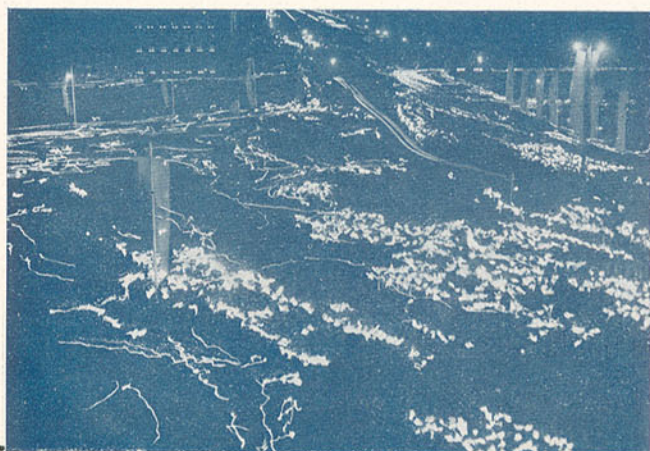
Os repórteres dos grandes jornais mundiais tomando conhecimento do escrutínio que deu à Alemanha 99,73% de votos afirmativos



O arcebispo cardeal dr. Innitzer depondo o seu voto num colégio eleitoral de Viena



A manifestação entusiástica logo que foi conhecido o resultado da votação em Viena

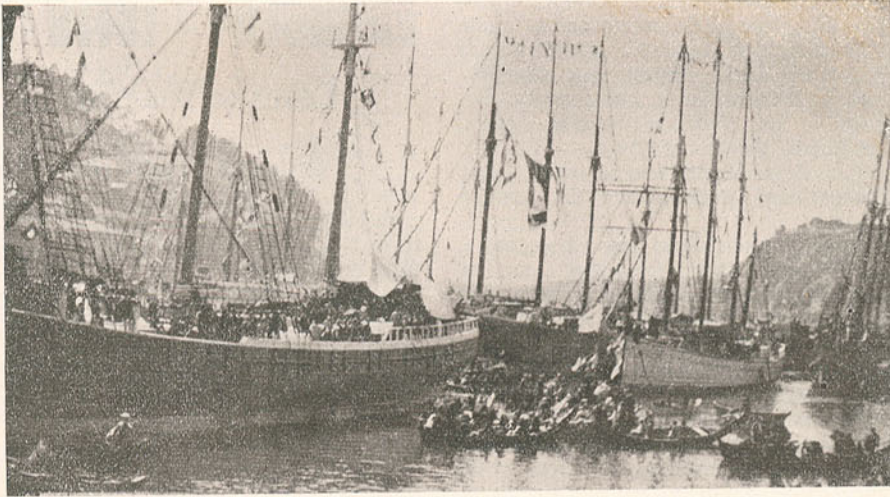


Um aspecto do Lustgarten de Berlim na noite do escrutínio que proclamou o Dia do Grande Império Alemão

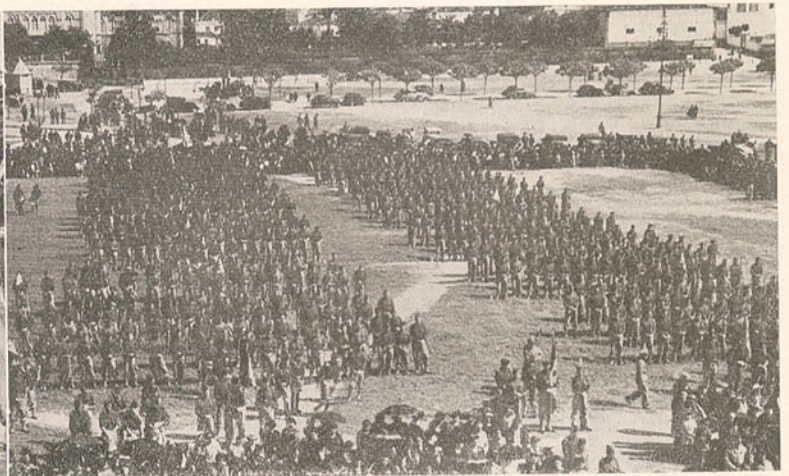


O feld-marechal Goering com sua esposa votando numa das assembleias eleitorais de Berlim para o plebiscito

ECOS DA QUINZENA



Um aspecto da imponente cerimónia da bênção dos lugres que do rio Douro seguem para a Terra Nova à pesca do bacalhau. — A' direita: o sr. bispo do Porto benzendo os barcos. Durante a noite houve na alameda de Massarelos um luzido e animado arraial



O sr. Cardinal Patriarca com os membros do Governo e os pescadores do «Creoula» poucos antes de ser lançada a bênção aos lugres que vão pescar bacalhau à Terra Nova e à Groelândia. — A' direita: Um aspecto da missa campal em Évora para festejar o aniversário da posse do sr. dr. Oliveira Salazar. A gravura mostra os legionários assistindo à cerimónia



Os pombos da capital — êsses simpáticos vândios que passeiam pelo Rossio, Terreiro do Paço, largos do Corpo Santo, Camões e Carmo — tiveram também a sua Páscoa. As senhoras do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas e algumas crianças do Grupo Infantil Defensor dos Animais levaram aos pobres fombos uma abundante refeição como a gravura acima indica. — A' direita: — O sr. ministro do Interior visitando a Casa dos Pobres, de Vila N. de Gaia



Capela-mór da Igreja de Santa Clara

Obra realizada por António Augusto Gonçalves é verdadeiramente incalculável.

Júlio Dantas, proclamando-o "um dos maiores portugueses do seu tempo, crêdor de gratidão de todo o país.", afirma que há-de ficar "na tradição como um verdadeiro santo patrono da rica e saborosa arte coimbrã."

E Virgílio Correia conclue que, "verdadeiro mestre de escola e oficina, conseguiu tornar a cidade do Mondego a primeira povoação do país em produção industrial artística", não se deparando com "obra de arte coimbrã em que se não sinta a sua influência, o traço profundo, indelével da sua orientação", produzindo, "na pedra, no barro, no ferro e na madeira, reatamento tradicional, por vezes verdadeira ressurreição."

Teixeira Lopes conta que, um dia, a Municipalidade de Coimbra, desejando prestar justa homenagem a António Au-

gusto, lhe encomendara o seu busto em mármore para o colocar, solenemente, na sala nobre dos Paços do Concelho.

E acrescenta:

"Era também ocasião de lhe tributar, quanto possível, por meio do meu cinzel, em um pedaço de mármore, a minha admiração e o meu afecto. Infelizmente, o busto não se fez; António Augusto Gonçalves não aceitou a homenagem. Recusou-a com tóda a delicadeza — como costumava — mas recusou-a."

O insigne Mestre não só merece uma estátua, mas uma estátua de Teixeira Lopes!

O seu nome "há-de ficar para sempre, na história da Arte Portuguesa, como um dos mais ilustres. O seu saber, a sua alta competência e o muito que tem pugnado pelo culto de arte em Portugal, tornam-no digno da consideração de todos os portugueses."

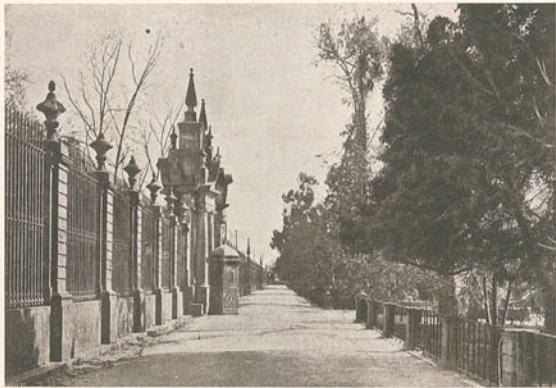
Esta era a opinião de Columbano.

Assim, escultura de Teixeira Lopes, pintura de Columbano, por iniciativa da cidade, que lhe deve mais que a nenhum outro dos seus filhos, seria já uma condigna consagração, parte do programa que Carlos Reis enuncia — que Coimbra se lhe dê? Coimbra, de tal modo cheia do seu espírito e do seu coração, que, nesta romagem que vamos fazendo, encontramos por tóda a parte a sua inteligência, o seu saber, a sua devoção patriótica, operando milagres que só têm que se lhes compare, na lenda, o milagre das rosas — um pouco de ouro, transformando-se em maravilhosa e divina florescência!...

Evocamos a visita que, em tempos, lhe fizemos.

Fomos surpreender o Artista no Museu, no seu pequeno gabinete de trabalho. Alto, magro, vestido impecavelmente, como quem espera visitas de cerimónia. Mas nem dá conta de nós, de absorção que está...

Sentado, curvando-se num ritmo de atenção, prêsso o olhar na encantação da cidade, desde o sombrio cenário da Sé à ardente bucólica do rio!



Jardim Botânico

VIAGENS NA NOSSA TERRA

Coimbra — terra dos eternos encantos

Evoca-se mais uma vez a obra dum saudoso Mestre

Era a estátua de Teixeira Lopes? Era o retrato de Columbano?

Subindo pela rua de S. João, vamos ter á rua Larga (Cândido dos Reis). No tópo do ocidente, a Universidade.

A Porta-Férrea (do século XVII) dá acesso ao Pátio, em volta do qual se dispõem, em quadrilátero, as edificações escolares. Logo se destaca a frontaria do norte, muito ornamental. Escadarias, pórtico, sala dos capelos, via-latina, gerais, as aulas, o claustro...

O antigo Paço da Alcáçova, depois da reedificação de D. Manuel, foi cedido aos Estudos Gerais.

Desta reedificação resta a capela, da traça de Marcos Pires. A porta exterior, ladeada de duas janelas, é um delicioso trecho manuelino. Entre as alfaixas de culto, notam-se uma lâmpada e um cálice, ambos de prata, e do mesmo ourives — Simão Ferreira (fins do século XVI) e um sacrário de cobre dourado do (século XVII). Orgão, com primorosa tália...

A Biblioteca, que se deve a D. João V, é sumptuosa. Pórtico jónico. A nave (pode dizer-se a biblioteca uma pequena catedral) dividida em três vastas salas. Tudo muito decorativo — tectos, varandas, estantes e mesas.

Logo da entrada se apercebe, ao fundo, um magnífico retrato do fundador. Folgamos de o ver! Merecerá todo o mal que dêle dizemos, êste monarca?

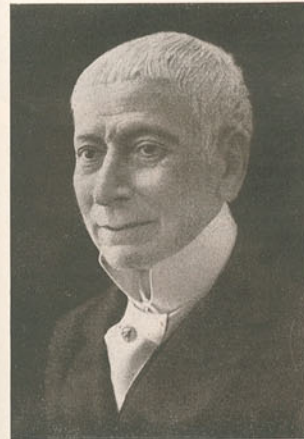
A Biblioteca contém, além de 150.000 volumes, notável colecção de iluminuras, manuscritos, pergaminhos.

Se descêssemos pela Porta Minerva, entrando na rua dos Grilos, teríamos em frente o antigo Colégio de Santo António da Pedreira, hoje ocupado pelo Asilo da Infância Desvalida. Para a direita, os Palácios Confusos, pitorêscas designação, que alguma coisa quereria dizer, pois, para êstes lados, se vê uma linda casa do século XVI (na rua das Esteirinhas) e, próximo, se distinguem, em várias moradias, vestígios do mesmo século — janelas, medalhões, etc. Para a esquerda, a igreja da Santíssima Trindade, que serve hoje a um depósito de móveis. (Pertencia ao colégio do mesmo nome — edificação dos séculos XVI e XVII, como a Sé Nova). A Torre da Universidade eleva-se a 33 metros do nível do pátio; dela se alcança um dos panoramas mais belos do mundo.

Mas, do ponto do terraço que dá para as escadarias, a paisagem imobilisa-nos: deslumbra e entenece. Tão bela, que não pode conter-se no fugidío instante da contemplação; — ainda nos está enchendo os olhos de fulgor, e já nos prende a alma de saudade...

Fecha o pátio, a sul, o Observatório Astronómico. Do nascente, as edificações do antigo Colégio de S. Pedro. Nelas se enquadra um pórtico de cariátides que, como o do Colégio das Artes, actual entrada dos Hospitais, demonstra que, mesmo na decadência, "a antiga flama não estava de todo extinta..."

Passamos de novo a Porta Férrea. O pórtico, do século XVII, é ornado de estátuas nas duas faces. Procuramos a de D. Dinis, o grande rei, com devoção; depois a de D. João III, que no seu patrocínio à Universidade tanto se desvelou. Desce à direita a rua de Entre-Colégios; — o de S. Pedro e o de S. Paulo,



Mestre António Augusto Gonçalves

que ficava do outro lado da rua, e que, cedido em 1839 à Nova Academia Dramática, foi depois Teatro Académico. O edifício da Faculdade de Letras, cuja fachada principal dá sobre a rua Larga, levantou-se, derruído o Teatro, no mesmo local.

Fronteiro, o monumento a Camões que foi erigido pela Academia, por ocasião do tricentenário. Monumento de grande singularidade e sobriedade.

Para a esquerda desce a rua do Norte, onde, na senhorial casa dos Melos, está instalada a Faculdade de Farmácia (está ou estava, porque, com tanta reforma de instrução, nunca se sabe, ao certo, quando está ou deixa de estar...).

Continuamos pela rua Larga. E bem se vê que estamos no Bairro

Latino! Tudo eram Colégios: à esquerda, Colégio de S. Boaventura, que no século XVII se estabelecera onde fôra o Colégio Amiquelense (como os de S. Pedro e S. Paulo, do século XVI) e serve hoje ao Instituto de Antropologia; o Colégio dos Loios, também do século XVII, onde é, agora, o Governo Civil; à direita, o Colégio de S. Paulo Eremita, do século XVIII, durante muito tempo ocupado pelo Instituto de Coimbra, e, há pouco, pela Associação Académica.

Chegamos ao Largo do Castelo. Perto ficavam os Colégios das Artes, de S. Jerónimo e dos Militares, utilizados pelos Hospitais Civis.

O Castelo de Coimbra! Todo o alcaçar, com as suas famosas torres (entre elas a torre de Hércules, erguida por D. Sancho I, reedificada por D. Dinis e reparada por D. Manuel, e a Torre das Mulheres, que tinha o escudo de armas do reino e o de Leonor Teles) foi demolido por ordem de Pombal, para construir o Observatório Astronómico. Mais tarde, verificando-se que o local era impróprio, ficaram as paredes novas a três metros do solo...

Descemos para sul. O Aqueduto, de 21 arcos, que D. Sebastião mandou construir para trazer água à cidade-alta, obra de Felipe Terceiro, é um motivo decorativo de grande realce. Próximo, o antigo Colégio de S. Bento, onde estão instalados o Liceu José Falcão e o Instituto Botânico.

Contígua, a igreja, dos começos do século XVII, feitura dos arquitectos portugueses Afonso e Belchior Álvares. Ameaça-a o camaterio que arrasou S. Cristóvão.

Haupt descreve-a como um admirável exemplar da Renascença:

"A fachada, formosa, pôsto que austera e singela... É um primor de arquitectura a nave... Cobrem totalmente o recinto abóbadas de caixotões, ostentando singular riqueza e formosura as da nave transversal e da ábside quadrangular do côro. A cúpula, semi-circular, de caixotões e com lanternim, ergue-se perpendicular ao cruceiro, como a da catedral. Nas capelas, vêem-se restos de pintura a fresco..."

Apressem-se a ver o que ainda resta, que, qualquer dia, vai tudo abaixo... para desafogar a instrução!

Eugénio de Castro clama no seu *Guia de Coimbra*. ... Mestre António Augusto, Tomás da Fonseca e os seus companheiros do Conselho de Arte prêgaram sem cessar; mas é uma causa perdida — que assim o quer nobreza, povo... e clero!

Desculpem tantas reticências... Mas é que o caso é para reticências, vírgulas e pontos de admiração.

Escapará o Jardim Botânico? Ele não tem muitas madeiras de estância... Mas que bela avenida se podia traçar, desde a Estrada da Beira às Teresinhas, devastando a mata, destruindo os terraços, os tanques, os escadórios, entupindo as fontes, arrancando a última árvore do ponto (que já não regula) serrando os gradeamentos de ferro e bronze (a bela socalta) e carregando Brotero para a Câmara Municipal, prisioneiro, em honra da benemérita vereação que tal oussasse!



Mestre António Augusto Gonçalves (Medalhação de Costa Mota, Sobrinho)

Entretanto, só para passear no Botânico em Abril ou Maio, valia a pena vir a Coimbra...

Quando eu tinha vinte anos... Consintam que remate com a minha impressão, referida a êsse tempo distante:

"E se em vosso espírito uma ânsia de beleza e de amor floresce, subireis então do mundanismo da Estrada da Beira aos pendores do Jardim, em que a vegetação luxuriante tem trechos tropicais, entre águas sussurrantes e relvas frescas, atravessando a álea das Tílias, silenciosa, meditativa, e descansando enfim junto a Brotero, no largo, donde, às cinco da tarde, olhando o caminho de Condeixa, as colinas e oiteiros coaleantes, cobertos de arvoredo e sementeiras, são como um incêndio — verde, oiro e púrpura..."

LOPES D'OLIVEIRA.



A chama da Pátria



vamos atravessando, quer subindo ao pincaro das serras, quer descendo à planície ondulante de trigais.

Portugal, visto desta maneira, tem atractivos surpreendentes.

Tomemos Lamego como ponto de mira. Os lamecences são de rija tèmpera ainda hoje, em nada desmerecendo dos seus gloriosos antepassados que,

no ano 100 da era de Cristo, tiveram audácia para se revoltar contra o imperador Trajano, cujos pretores e mais funcionários se empenhavam numa rapina mil vezes mais infame do que a praticada na Serra da Falperra, muitos séculos depois, por desgraçados que nessas funções arriscavam a vida e a liberdade, a cada momento.

Pois os pretores de Trajano entenderam que os bens dos honrados lamecences eram roupa de francezes, como mais tarde se teria dito, e vá de expoliá-las por tódas as formas e feitios.

Nisto, rebenta uma revolta, e Trajano vê-se na dura necessidade de mandar 14 legiões para esmagar os revoltosos. Estes, apesar de muito valentes e aguerridos, não puderam resistir ao número, e, assim, a cidade foi incendiada e destruída até aos seus fundamentos.

Isto seria bastante para provar a rija tèmpera dos lamecences, se outros factos mais recentes não os tivessem alcançado já aos pincaros do heroísmo.

Não se esqueçam de que foi nas Côtes de Lamego que os portugueses proclamaram a sua independência.

Eis a evocação:

"Na igreja de Santa Maria de Almaceve foi que D. Afonso Henriques congregou com a mais luzida pompa daqueles tempos e que o caso requeria, o clero, a nobreza e o povo, em ajuntamento numeroso. Representavam por parte do clero, o arcebispo de Braga, os bispos de Vizeu, do Pôrto, de Lamego e de Coimbra, um grande número de abades, clérigos e monges; por parte da nobreza, aqueles que a tinham adquirido pelos seus louváveis feitos, tanto nas conquistas do conde D. Henrique como nas de seu filho, os que faziam a sua cõrte, os governadores das principais praças de Coimbra, Viana, Lamego, Vizeu, Barcelos, Trancoso, Chaves e Montemor, e por parte do povo os procuradores da bõa-gente, cada um por suas cidades e vilas.

"D. Afonso ocupou o lugar do trono, mas ainda sem coroa. Mais abaixo, ficava-lhe ao lado Lourenço Viegas, seu procurador. Invocada a Trindade Santíssima, D. Afonso Henriques, conservando-se em pé, disse:

"Eu D. Afonso, filho do conde D. Henrique e da rainha Tareja, neto do grande Afonso, rei das Espanhas, e há pouco levantado ao trono de Portugal, por especial mercê de Deus, uma vez que, pela assinalada vitória que Deus nos deu sobre os moiros nossos contrários, podemos agora respirar por um pouco em sossego, e não aconteça depois, faltar-nos o tempo, vos tenho convocado a vós todos aqui para negócios do Estado.."

"Nomeou-os então do primeiro até ao último, começando pelo arcebispo de Braga, e sentou-se no sòlio.

"Levantou-se depois o seu procurador Lourenço Viegas, e disse:

"— O senhor D. Afonso já por vós aclamado rei no Campo de Ourique, vos congregou neste lugar para que declarais se sois contente com êle ser rei nosso?"

"Todos à uma aclamaram: — Nós queremos que seja nosso rei!"

"— De que maneira queis que êle reine sobre nós — prosseguiu Viegas — êle e seus filhos ou êle só?"

"— Êle, enquanto viver — responderam todos — e por sua morte reinarão logo os seus filhos.

"— Se essa é, pois, a vossa vontade — acrescentou o procurador — dai-lhe a insígnia real.

"Ao que todos acudiram:

"— Nós lha damos em nome de Deus.

"— Imediatamente, o arcebispo de Braga, tendo-se levantado, e tomando das mãos do abade de Lorvão uma rica coroa de ouro, tódá ornada de pedrarias, presente que tinham feito ao mosteiro do rei dos godos, seus primeiros donos, a cingiu, ajudado de todos os mais, na cabeça de D. Afonso Henriques. Então el-rei, tornando a pôr-se em pé, com a espada nua na mão, aquela espada sua companheira inseparável na guerra, disse:

"— Seja Deus bendito que assim me ajudou! Com esta espada vos livres; venci os nossos inimigos; vós me haveis levantado por vosso rei. Já que assim é, e vos apraz, mando se façam leis para manter a ordem e a paz no nosso reino.

"— Assim o queremos — responderam todos — e é a propósito estabelecerem-se as leis que melhor vos parecer; com os nossos filhos e filhas, netos e netas já daqui ficamos à vossa obediência.."

Esta curta evocação foi-nos sugerida numa curta digressão que fizemos há dias por Lamego, e que tão gratas recordações nos deixou, quer como português, quer como viandante sequioso de deliciosas paisagens. Magnífica digressão!

Salmos da cidade e fomos subindo às montanhas que, lá no alto, se aproximam mais do ceu.

Tudo ali parece em estado de graça. Lá no fundo serpeia um corgo murmuroso que há muitos séculos entoa, sem se cansar, uma canção melodiosa que os pastores entendem e sabem de cõr.

Ao alto, a penedia brava, queimada pelo sol, mostrando, aqui e ali, as entranhas amigas que deram pedra para o solar altaneiro e para o tugúrio do pobre. Nessa abençoada terra até as pedras têm coração..

Lá em baixo, prados vizejantes, vergeis floridos, jardins matizados que enlevam a vista e perfumam o ar.

Encantadoras paisagens, a dessa região!

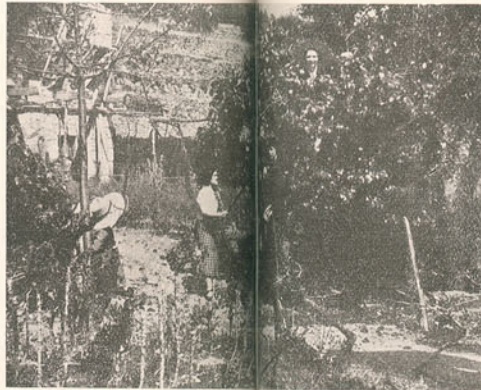
Descemos ao campo e, por entre os trigais, surgem cabecitas de crianças misturadas com as papoilas. Dir-se-iam anjos que Deus enviase a anunciar-nos um ano de abundância.

Passamos na quinta do dr. Beirão da Veiga. Paramos para matar a sede. Deve haver ali vinho fresquinho sem necessidade dos artificios gelados da capital. Batemos-lhe à porta, e, consoante a antiga tradição daquelas paragens, não ouvimos sêdiço quem é? mas o entre quem é! das almas francas.

Abençoada terra! abençoada gente!

UMA VISITA LAMEGO

A EVOCAÇÃO DA NOVA INDEPENDÊNCIA NUMA LINDA MANHÃ DE PRIMAVERA



Rodaram os séculos, mas essa generosidade tem-se mantido inalterável por entre as lufadas de egoísmo que, por vezes, parecem abalar o mundo.

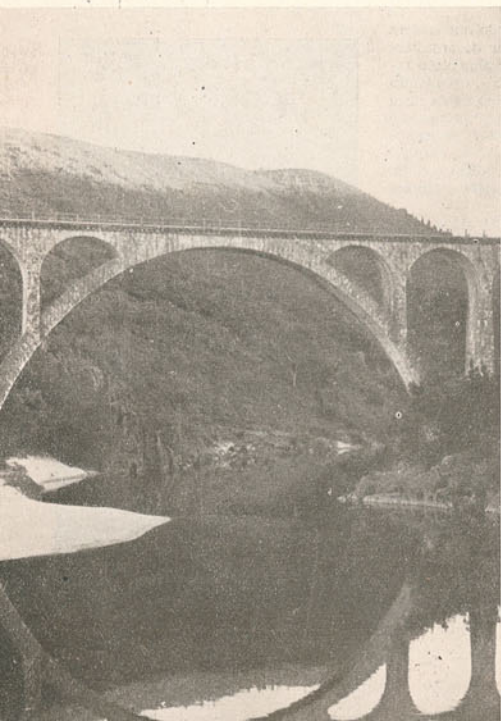
De regresso a Lisboa, tivemos ainda a sorte de ter por companheiro o dr. Beirão da Veiga, que, não só nos deu do seu magnífico vinho e condimentos necessários, mas ainda nos facultou as magníficas fotografias que foi tirando com o seu bom gosto de consumado artista para ilustrar estas fugidias notas do nosso passeio a Lamego. Sempre correndo — o automóvel é incansável — passamos por Sintra. Mais uma fotografia.

E cá estamos novamente em Lisboa!

Voltamos a dizer: A Primavera sorri Quem puder que aproveite êstes belos dias de sol para conhecer os cantos a sua terra...

SÉRGIO DE MONTEMOR.

(Fotos do Dr. Beirão da Veiga)





suas tropas chegavam a Varsóvia debaixo de chuva e neve. O quartel-general estabeleceu-se em Pesen, e de todas as partes Napoleão recebia deputações, que lhe pediam o restabelecimento do reino da Polónia e a sua independência. Ao acolher a deputação de Varsóvia, respondeu:

— Amo os polacos. A sua energia torna-se-me simpática. Gostaria de fazer deles um povo independente, mas isso é muito difícil. Demasiada gente interveio na partilha: Austria, Prússia e Rússia. E, uma vez acêsa a mecha, quem sabe onde se deterá o incêndio. O meu primeiro dever é olhar pela França, e não a devo sacrificar pela Polónia. Isto levar-nos-ia muito longe. O tempo dirá o que devemos fazer..

Instalado tão luxuosamente quanto o consentiam os recursos da terra, recebia toda a alta nobreza polaca que sonhava o restabelecimento do antigo reino, e punha nele todas as suas esperanças. Não prometendo nada, Napoleão inquiria, junto de cada um, dos recursos do país em homens, em cavalos, em víveres, e, com palavras benévolas, alimentava as ilusões e as esperanças desse povo oprimido. Por isso era objecto dum extraordinário entusiasmo. Davam-lhe festas soberbas, ofereciam-lhe bailes a que vinha gente de muitas léguas em redor. E às inquietações da imperatriz Josefina, que se arreceava sempre das suas infidelidades, Napoleão respondia:

— ...Fazes mal, crê; é coisa em que não penso, e nos desertos da Polónia não se cuida lá muito em mulheres...

VOLTAM a ser evocados os amores de Napoleão e Maria Walewska, a condessa polaca que melhor soube conquistar o famoso côrso. O filme, agora interpretado por Charles Boyer e Grete Garbo, veio recordar-nos essa paixão que tanto influiu no indesejado desfecho da batalha de Eylau. Magistral desempenho!

Mas evoquemos: Napoleão, marchando de encontro ao exército russo que se adiantava para a Alemanha, tinha por fim explorar como conquistador as terras moscovitas.

Apesar de fazer um frio horrível, as



ESPADAS E CORAÇÕES

Napoleão e Walewska

Evoca-se o mais sincero amor do corso imortal

Ontem tive um baile da nobreza da província: damas bonitas, muito bem vestidas, ainda que à moda de Paris. . . .

Ora, Josefina sabia bem que não havia bailes sem mulheres, e que as polacas tinham uma merecida fama de beleza. . .

Num desses bailes, Napoleão notou uma jovem loira de olhos azuis, de pele de uma alvura deslumbrante e cujo porte modesto e reservado, contrastava com os modos talvez um pouco decididos das outras mulheres.

Preguntou quem era. Disseram-lhe que se chamava Maria Walewska, casada com um velho conde polaco que, de génio sombrio e taciturno, costumes austeros e rígidos, constituía a infelicidade dos vinte e dois anos de uma mulher. Não que êle não a amasse, mas que espécie de acôrdo poderia haver entre a sua afeição grave e as fantasias saltitantes de uma jovem?

Napoleão ia ouvindo. E o que lhe contaram mais excitou o seu interesse.

Acercou-se da Walewska e falou-lhe afavelmente. Entre os dois travou-se uma conversação em que a jovem fez ressaltar o seu espírito muito culto e desenvolvido por uma cuidada educação. A voz, dum timbre harmonioso, era encantadora. . .

Quando se está num negócio importante ou empenhado num raciocínio grave, o engodo do coração faz oscilar o rumo lógico. Se Napoleão, neste caso, decompozesse o seu amor, pedaço a pedaço, como costumava fazer, e tivesse posto de lado as exterioridades romanescas sob as quais se apresentava à sua imaginação esta polaca, teria reconhecido imediatamente que o romance, afinal, se reduzia a pouca coisa: via uma mulher bonita, desejava-a, e, como era imperador, não lhe devia resistir.

Estava, porém, apaixonado. Algumas horas que se seguiram foram de mortificante ansiedade.

Por fim, não se contendo mais, Napoleão deliberou dar o golpe decisivo. Encarregou dessa missão o general Duroc que passou a ser o postilhão dos amores do imperador, tão belas provas tinha dado já anteriormente. Duroc foi o emissário junto de Walewska. Esta, porém, com grande espanto seu, recusou allivamente as propostas que lhe eram feitas. As mu-

lheres *coquettes* são quasi sempre assim. Servem-se de todos os meios para provocar uma declaração, e, quando ela vem, respondem enroupando-se na sua digni-



dade ofendida. No fim de contas, vistas bem as coisas, o que elas pretendem é mostrar que não cedem facilmente. Mesmo quando anseiam por se entregar, procuram dar-se demoradamente, para que o adorador ligue mais importância à vulgaridade do que sempre acaba por alcançar.

É possível que, após a conversação que tivera no baile com o imperador estivesse disposta a aceitar-lhe a conquista. Deslumbrava-a essa glória radiante, êsse poder colossal, e pensava em partilhar com êle uma felicidade que há muito idealizara. O homem não lhe desagradava no herói, e, se êste se impressionara com o timbre melodioso da sua voz, ela não fôra também insensível à meiguice com que êle revestira a sua.

As homenagens de que a cercara tinham-lhe ido directamente ao coração e dado uma vertigem à sua vaidade, sempre tão poderosa nas resoluções do coração nas mulheres. Mas não queria ceder ao primeiro ataque: resolvida a capitular, fá-lo-ia, sim, mas com as honras da guerra. Assim, despediu o general, sem lhe querer dar a menor palavra de esperança para seu amor.

Napoleão assombrou.

Pois haveria mulheres que não lhe reconhecessem o poder, que escapassem ao seu domínio? E, no entanto, as polacas não passavam por crueis, e os oficiais franceses bem o asseguravam. Seria êle, o imperador, menos favorecido?

Decidiu escrever a Maria Walewska. Nada de resposta. Outra carta e outra, e, cada vez mais excitado, considerando um ponto brioso o sair-se bem e sentindo ao mesmo tempo pela jovem uma inclinação mais forte a cada passo infrutuoso, acabou por pôr nas cartas toda a sua alma. Foi então que a Walewska achou oportuno o momento da rendição.

Três semanas durou essa lua de mel no Castelo de Finckstein. O velho conde atraído e afastou-se envergonhado, indo pedir ao Papa a anulação do casamento. Napoleão, regressando a Paris, soube pouco depois que a Walewska estava prestes a dar-lhe um filho. Foi então que o imperador, calculando-se apto, a formar dinastia, se divorciou de Josefina que era considerada estéril, e se decidiu a casar com a princesa austríaca Maria Luiza.

Quando, após o parto, esta entrou em Paris com o filho, o imperador mandou-



-lhe comprar pelo general Duroc um lindo palaceté na Chaussée d'Antin.

Ali se recolheu a polaca. — Todos os meus pensamentos — dizia ela um dia — a Constant, falando do imperador — todas as minhas aspirações vem dêle e para êle voltam; é todo o meu bem, o meu futuro a minha vida!

Um dia, a Walewska mandou fazer um anel de ouro em volta do qual se enrolavam os seus formosos cabelos loiros. No interior havia gravada esta legenda:

Quando cessares de amar-me, não te esqueças de que te amo!

UM sujeito soube que um indivíduo seu inimigo o andava difamando, dizendo que na casa dêle só havia fome, porque todo o dinheiro que ganhava era para gastar em pândegas, deixando todos em casa à míngua.

— Não há maior infâmia — exclamava êle. Ora imagine, que não há casa onde haja mais fartura! Minha mulher está farta de mim; eu estou farto dela. Os meus filhos estão fartos de apanhar bordoadas. A criada está farta de ouvir descomposturas. O merceiro e o homem do talho estão fartos de lá ir para receber as contas. O gato está farto de miar por carapaus. Está tudo farto! Ainda querem mais fartura?...

Ela: — E está, realmente, muito apaixonado por ela?

Êle: — Terivelmente. Tão terrivelmente, que estou até com medo de chegar ao extremo... de me casar.

Uma dona de casa, entrando de súbito na cozinha, depara com a creada emborcando uma garrafa com vinho.

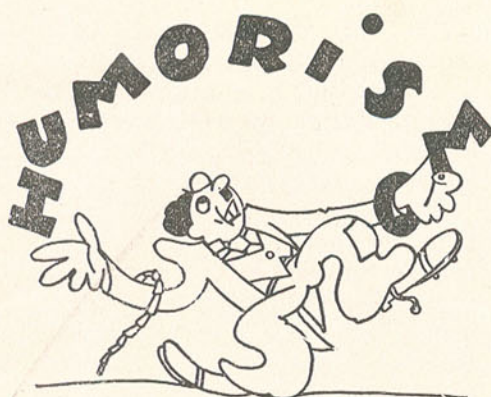
As duas, encarando-se:

— Francamente, Maria, estou admirada.
— E eu também, minha senhora; julgava que tinha saído.

Exame de história:

— O que sabe a respeito de Átila?
— Sei que era um bárbaro.
— E que mais?
— Ainda lhe parece pouco!?

Um advogado que acabava de vencer uma causa importante num tribunal, dirige-se ao colega advogado da parte contrária e dá-lhe os parabens.



— Parabens! porquê?
— Porque o colega perdeu a questão, mas ganhou por outro lado...
— Que quer dizer com isso?
— O colega entrou para aqui com um nariz regular e agora tem um nariz de "palmo e meio!"

Irmã mais velha: — Grande preguiçoso, despacha-te, vai lavar a cara e pentear êsse cabelo, antes que as visitas venham.

Joãosito: — Ora! E se elas não vierem?

Uma senhora, em um baile, felicita um cavalheiro, pelo cabelo que tem:

— Realmente, V. Ex.^a tem um cabelo muito bonito; preto como azeviche, sedoso, ondeado... Que é que põe no cabelo?

— O chapéu, minha senhora.

Um sujeito vai visitar um hospital de doidos, acompanhado de um formoso cão da Terra Nova.

Um doido pacífico encontra-o no jardim, e pergunta-lhe:

— É seu êste animal?
— Sim, senhor.

— Quanto gasta com êle, diàriamente?
— Cinco, seis e até sete escudos.
— O que é êste mundo! E estou eu aqui metido, enquanto o senhor anda a passear lá por fora!...

Numa estação de caminho de ferro;

— Dá-me um bilhete de 3.^a classe?
— Para onde?
— E ao senhor que lhe importa?
— Mas não vê que não lho posso dar, sem primeiro me diga aonde vai?
— Pois bem, vou ver a minha noiva.

Uma ama de leite apresenta a criança, uma robusta criancinha de um mês, ao avô, sujeito calvo e sem dentes.

— Veja V. Ex.^a como o menino se parece consigo! é o vivo retrato do avô!
— Parece-lhe? — pergunta o velhote todo lisongeado.

— É verdade. Não tem cabelo nem dentes como V. Ex.^a; quere-o mais parecido?

Lançando-se uma mulher a um rio, o marido foi procurá-la na parte de cima do sítio onde ela se atirou.

Alguém lhe notou o desconchavo, mas, êle respondeu:

— Eu bem sei o que faço! Minha mulher era tão teimosa, que fazia tudo ao contrário. Com certeza que agora em vez de ir rio abaixo, foi rio acima!...

— Que fazes agora, ó Anastácio?
— Vivo do ar.
— Como? Então não estás empregado?
— Não fazes nada?
— Faço leques.

Um sacerdote protestante estava lendo uma passagem da Bíblia aos seus adeptos. Depois de pôr a luneta, leu:

— "Então Deus deu uma companheira a Adão."

E voltando a fôlha continuou:
— "E era alcatroada por dentro e por fora, e cheia de tôdas as espécies de animais."

O padre tinha saltado uma fôlha e passou a ler a descrição da Arca de Noé!

O médico:
— O vinho e a bebida alcoólica são dois inimigos da humanidade, e como tais, o meu amigo não lhes deve ligar nenhuma! Quem lhe diz isto é o seu médico que só quer que os doentes tenham melhoras e não façam tolices!

O doente responde:
— Mas tenho ouvido dizer que Deus manda que nós amemos os nossos inimigos...

O médico replica:
— Perfeitamente, mas não os manda engulir! E o senhor em vez de os amar, engole-os!...



Ela — Faz amanhã quinze anos que nos casámos. Achas que mate o galo?
Ele — Oh! filha... mas que culpa tem o pobre galo?...

A mulher fez mais uma conquista, na igualdade de direitos do homem. E foi a França que lhe deu e que com o seu exemplo vai abrir os mesmos horizontes de liberdade às mulheres de todo o mundo.

A mulher francesa já pode fazer certas coisas imprescindíveis à sua vida econômica, mantendo a independência da vontade do marido.

Pode abrir uma conta corrente num banco em seu nome, pode fazer qualquer transacção comercial, sem licença do cônjuge, que muitas vezes, por embriração ou por vingança, pretende tolher a esposa nos seus propósitos que em nada afectam a honra do casal.

Eu sei duma pobre mãe que sofre um cruciante tormento moral, por causa dum artigo de lei que faz da mulher uma escrava do homem. Essa criatura, é casada e separada do marido há muito tempo. É portuguesa, mas o homem é dum país onde a mulher nada pode comprar sem o consentimento do marido.

Tem um filho sepultado nessa terra distante, e todos os anos paga o aluguel do coval.

Mas, receando morrer e não tendo ninguém em quem confie para continuar esta piedosa missão, sacrificou-se, durante anos, para juntar, com os seus parcos ganhos, o dinheiro suficiente para comprar os palmos de terra onde repousa essa criança, porque não quer que ela vá para a vala comum, um dia.

Ela sabe que o corpo nada vale, que só a alma merece cuidados, mas é mãe carinhosa, e vão lá meter estas coisas na cabeça duma mãe — deixar perder o último abrigo do seu filho.

Por ela tanto lhe faz, quando morrer, que a atirem para onde quiserem. Mas o seu filho, não!

O marido, surdo aos seus rogos, tendo ideias diferentes sobre religião, não lhe deu autorização para que realizasse a única ambição que lhe resta, depois de tantas ilusões e tantos sonhos perdidos, na ressaca da desventura.

Isto foi há anos já. Hoje essa mulher nem sabe onde o marido pára. E por uma lei injusta e cruel, agarrada à tradição da escravidão da fêmea ao macho onipotente, sofre um martírio só comparável ao do condenado à morte, que conta os segundos que faltam para a chegada do carrasco.

É um ansiar constante, um medo horrível de morrer e deixar à mercê da pá do coveiro aquele corpinho que representou para ela a maior glória: ser mãe!

Chega a desejar que o marido môrra,

embora apenas antes dela o tempo necessário para resgatar esse coval.

E essa mulher detesta a vida, e tem de viver para esta aspiração a que se agarrou desesperadamente.

A MULHER, TRIUNFANTE

Todos os dias pede a Deus que lhe conserve essa vida que ela odeia, até que possa dar ao seu filho definitivamente



aquele buraco que é a sua última morada.

E tem confiança em que há-de conseguir-lo.

Não sabe como — os meios de que Deus serve para recompensar a nossa fé são insondáveis — mas não há-de morrer antes da realização do mais ardente desejo de toda a sua vida.

Já vêem como essa decisão dos legisladores franceses veio trazer novo alento a esta pobre mulher.

Ela espera que esse país que lhe deu pelo casamento uma outra nacionalidade siga o exemplo da França, e então ela poderá morrer em paz e deixar a terra sem saudades.

Nunca fui feminista exageradamente, com a raiva duma sufragista, mas aprovo todas as conquistas da mulher, dentro da lei, que lhe vão apagando a marca das cadeias que desde velhas eras pretendiam reduzi-la apenas a um corpo sem alma, quando ela, coitada, já tinha no cérebro mil sonhos de liberdade, que nêlo evocavam doidamente, como avesitas que da gaiola estreita avistam a árvore que lhes seria abrigo, sem prendê-las.

Liberdades legais, que não podem prejudicar o bom andamento dum casal, na sua integridade moral, são sempre bem vindas.

Creio que é assim que pensa a maior parte das feministas — as de orientação racional e lógica em harmonia com o lugar que a natureza lhes marcou na vida!

Às outras, àquelas que querem ser absolutamente iguais ao seu parceiro nas lides amorosas, contar-lhes-ei uma anedota, que vem aqui mesmo ao pintar.

Dois amigos filosofavam:

— “Que falta ao cão, para ser igual a nós?” dizia um.

— “Falar, só falar”, foi a resposta.

— “Então, volve o primeiro, radiante, se o cão pudesse dizer: — “Eu sou um cão!... ”

— “Era um homem!” concluiu o outro.

Pois, minhas senhoras, nós podemos até ir mais longe do que o cão, no dizer destes dois maduros, podemos gritar: — “Somos homens!” Ficaremos por todo o sempre umas fracas mulherzinhas, por mais que nos distinguamos, nas artes, nas ciências e na literatura, por mais que igualêmos os nossos irmãos, noivos ou maridos, em audácia e coragem, arriscando-nos nos ares e pelas ondas do mar.

A própria lei da nossa existência assim o impõe duma forma inflexível e inexorável. Safr destes princípios tão velhos como o mundo seria saír do próprio mundo. Assim é e assim terá de ser através dos séculos sem fim.

A mulher há de ser sempre um frágil grinalda de rosas com o dom de algemar heróis e dominá-los inteiramente. Cumpre-lhe apenas aprender a utilizar-se desse dom. Pelo lado lógico, a mulher é mais fraca que o homem.

E ainda bem que é assim!

Que seria da vida? Que seria do amor, sem a nossa fraqueza, que é afinal a nossa força?

Há limites que não devemos querer ultrapassar, e, por muito querer, às vezes, muito se perde.

Se tivesse tempo, contava-lhes uma história muito edificante...

Fica para outra vez.

MERCEDES BLASCO.

Já lá vai felizmente o tempo em que o mestre-escola, empunhando a palmatória, fazia rebentar o sangue das mãos arroxeadas e friorentas das pobres crianças que mal podiam soletrar. Ainda temos uma vaga reminiscência desses antros

João de Deus

apavorantes que Guerra Junqueiro definiu por "açougues da inocência" e "talhos de anjos, mais nada.."

*A palmatória, o açoite,
A estupidéz decretada!
A lei incumbindo a Noite
Da educação da Alvorada.*

Um dia, apareceu a bondade personificada em João de Deus que, do massudo

b-a-ba cheio de complicações e dificuldades, fez brotar a *Cartilha Maternal* tão simples, tão fácil e tão atraente que as almas infantis a amaram e compreenderam!

A velha palmatória inquisitorial foi enterrada e do seu tronco mirrado nasceram flores como, noutras eras, nasceram do bordão ressequido de S. José.

Vieram depois os Jardins-Escolas João de Deus que são hoje a mais sólida fortaleza contra o analfabetismo. Essa cruzada benemérita removeu dificuldades, enfrentou obstá-

culos, galgou impossíveis.

Ora, no Museu João de Deus, foi inaugurado, há dias, o Congresso dos Jardins-Escolas. Abriu-o o ilustre pedagogo sr. dr.

João de Deus Ramos que há algumas dezenas de anos pôs as suas altíssimas qualidades e o seu poder criador ao serviço da instrução e da educação do País.

Na sua brilhantíssima dissertação sobre o problema do analfabetismo em

O sr. dr. João de Deus Ramos proferindo o discurso de abertura do Congresso, e a mesa que presidiu



INSTRUÇÃO EM FLOR

CONGRESSO DOS JARDINS-ESCOLAS JOÃO DE DEUS
Os belos frutos da "Cartilha Maternal"

Portugal, o sr. dr. João de Deus Ramos, frisou que "presentemente nestes dias vertiginosos e inquietantes que estamos vivendo, quando tôdas as nações da Europa cuidam sobretudo de se fortalecer com armas, numa espectacular embaraçosa e ameaçadora, difícil seria reerguer, sustentar, com êxito, uma campanha de tal magnitude que require dinheiro e muita calma de espírito.

O ilustre pedagogo salientou também: "Encontramo-nos no seio de uma colectividade que se orgulha de ser o mais firme e seguro baluarte contra o analfabetismo em Portugal. Foi seu fundador um homem bom, inteligentíssimo, espírito de eleição, numa época de paz e de altuismo—Casimiro Freire—grande idealista do seu tempo, tão confiado no valor da *Cartilha Maternal*, como numa verdade bíblica.."

Lembrou que "Casimiro Freire, o benemérito das Escolas Móveis, das antigas escolas móveis, substituídas hoje, oficialmente, pelos *postos escolares*, tentou resolver o problema pela iniciativa particular. E, rematando:

"De resto, existe um aspecto na questão que pode considerar-se principal: O facto de haver, na grande maioria das escolas primárias, um só professor.

As classes são quatro? Os graus de adiantamento, diversos? A aula, só uma? Evidentemente aqui reside o êrro fundamental.

Merece, pois, o nosso mais caloroso

aplauzo a iniciativa do Governo que vem estabelecendo e desenvolvendo os postos escolares, especie de desdobramento, da escola primária já existente.."

Entrando-se na ordem dos trabalhos, quando a discussão incidiu sobre o seguinte ponto: "O Jardim-Escola João de Deus, escola diferenciada portuguesa", o sr. dr. João de Deus Ramos, voltou a usar da palavra para declarar que os Jardins-Escolas tinham sido criados com um sentido patriótico. Divergiu de se procurar copiar sistematicamente o que se faz no estrangeiro, desdenhando do espírito criador da nacionalidade e desprezando os portugueses capazes de terem ideias próprias e realizações originais.

Quando o Congresso se ocupou da análise da *Cartilha Maternal* posta em confronto com os outros métodos de ensino de cá e lá de fora, o sr. dr. João de Deus proferiu um discurso brilhantíssimo

discurso, começando por declarar que "as mães, tendo a obrigação de ensinar a falar os filhos, devem igualmente ensiná-los a ler e a escrever. O poeta João de Deus, quando escreveu o seu método, lembrou-se das mães que têm filhos a educar.."

E, depois de expôr as razões porque a *Cartilha* é um livro racional, acentuou:

—Salvo raras excepções, os adversários deste método são os que o não conhecem.

Pôs em relevo o pensamento do autor quando mandou imprimir as letras em cores diversas, o que deu excelentes resultados, já hoje demasiado conhecidos. E acentuou que a *Cartilha* não tem estampas porque estas contribuem para distrair a atenção dos alunos. Sobre as dificuldades existentes no método, frisou que elas eram filhas do próprio idioma. E para fundamentar a sua afirmação, referiu-se ao valor das letras, que, num mesmo vocábulo, se lêem de modo diferente.

Defendeu o critério de que os livros infantis têm de ser obras de bom gosto. E acrescentou:

—Um livro para crianças deve ser sempre uma obra artisticamente acabada. Por conseguinte, quem não tiver noções de artista não pode ser um bom pedagogo.

Referindo-se depois à exposição bibliográfica existente no salão, analisou vários métodos de ensino, destacando, entre outros, o de Feliciano de Castilho. E provou, depois, as vantagens da *Cartilha Maternal* sobre o método de Castilho, bem como sobre muitos conhecidos no país.

E afirmou:

—Os alunos que mais depressa apren-

dem pelo método João de Deus são os que redigem com menos erros.

Deste proveitosíssimo Congresso em que tomaram parte activa figuras de relevo nos meios artístico, literário e pedagógico, brotarão, por certo, os mais belos frutos.

Finalmente, na sessão de encerramento, o sr. dr. João de Barros, que presidiu, traçou a mais calorosa apologia dos Jardins-Escolas João de Deus e dos seus incomparáveis métodos de ensino:

"Dêles não saem entes deformados, espíritos mutilados, vontades desde logo dubitativas ou alquebradas. Não! Saem para a luta da existência, dura e bravia sempre, caracteres de boa tempera, mentalidades lúcidas, forças aptas a proceder com honestidade e persistência, almas corajosas e corações leais. A criança não é combatida no seu desenvolvimento natural: é guiada, é conduzida a aproveitar as suas qualidades e tendências, maneira garantida e eficaz de vencer os próprios defeitos. Aprende a não mentir a si mesma e aos outros. Aprende a solidariedade no trabalho comum e a disciplina no trabalho individual. Nunca se rebaixa perante os castigos e opressões: eleva-se, conquistando a consciência da sua dignidade e da sua personalidade.."

Salientou ainda:

—Caminha, não se detem na marcha para o futuro, para o seu futuro de adulto, possuidor e ordenador de todos os recursos e faculdades ingénitas. Nenhum destes é desprezado, esquecido no sistema pedagógico dos Jardins-Escolas. O aluno, o educando, estuda, brinca, desenha, canta, de forma a não perder, antes a aumentar e a congregar, num conjunto homogêneo, os dotes que trouxe do berço ou a adquirir novas e perduráveis condições de revelar-se e expressar-se perante o Universo, que o rodeia, hoje, amanhã, sempre.

A terminar:

—Eis o segredo da educação minis-

Um trecho da assistência ao Congresso dos Jardins-Escolas



trada nos Jardins-Escolas; eis o que ficou demonstrado, exuberantemente demonstrado no Congresso de Ensino Infantil. Pergunto às pessoas desinteressadas e probas se alguma vez se efectuou, entre nós, coisa de igual significado e valor para a alegria e felicidade, das gerações vindouras. Alegria e felicidade, não se duvide dentro das contingências e das vicissitudes quotidianas, evidentemente, mas inalienáveis e sólidas — pois a visão do Mundo que nos Jardins-Escolas a gente miúda colhe e resguarda, é um viático supremo de confiança, de serenidade, de tenacidade e de fé na bondade da vida.

Não de devem poupar jovens a João de Deus Ramos, ao seu idealismo construtivo, ao seu génio inventivo e edificador, nem aos seus colaboradores — ilustres ou modestos — que recebem o "santo e a senha" desse mestre, desse apóstolo.



UM BELO PELOURINHO TRASMONTANO

UMA CAÇADA EM VILA NOVA DA RAINHA

No salão anual da Sociedade Nacional de Belas Artes, entre os muitos trabalhos expostos figurou um notável desenho do prof. dr. Faria de Castro, representando um *Pelourinho trasmontano*. Sobre essa pedra carcomida rolou a poeira dos séculos, mas ainda se mantém de pé. As leis modificaram-se e criaram novas representações mais humanas, mais em conformidade com os costumes de hoje.

Não quer isto dizer que o pelourinho, se ainda funcionasse com o seu duplo abraço de ignomínia, não tivesse muito que fazer — mais do que se pensa.

Mas a moda passou, e hoje os pelourinhos servem apenas como belos documentos arqueológicos...

Vila Nova da Rainha assistiu a uma caçada que fez lembrar os belos tempos em que a arte de Santo Huberto era cultivada com carinho nos mais nobres solares. Desta vez foi oferecida no canto da Gorda e de Valemouro uma caçada à melhor sociedade de Lisboa, tendo também assistido a convite do sr. dr. António Mantero, os ministros da Itália, da Holanda, da Polónia e o Conde de Nigra.

Foram abatidas várias espécies de caça, entre as quais uma raposa pelo sr. ministro da Holanda e uma águia pelo sr. dr. António Mantero.

Por fim, foi servido um almôço, ao ar livre, aos cinquenta e dois convidados que decorreu animadíssimo.



A CARTA

CONHECERAM-SE na noite de Ano-Bom, no ambiente côr-de-rosa numa sala onde se dançava. Ele deixara nessa noite os clubes e as companhias fáceis de acaso, e fôra até ali atraído por vago *flirt*, frívolo e cinéfilo, vazio, capitoso como um *cocktail* e falso como uma mentira. À uma da madrugada entrava naquela fase cheia de tédio que os homens sentem quando procuram uma mulher e se lhes depara unicamente uma boneca... Foi então que a viu, a sorrir num jeito perturbante de candura e de ingenuidade.

Olhou-a melhor: era duma beleza rara, serena, distante, espiritual como uma sonata de Mendelson; tinha uns olhos grandes e castanhos, quebrados, que acariciavam quando fitavam e onde pairava uma expressão de infantil seriedade que lhe dava um ar precoce de grandiosidade senhoril; em todo o seu corpo feito de harmonias e no seu rosto de encantamento, em que o cabêlo era uma auréola clara que brilhava, não havia um só traço terreno dessas belezas brutais ou excitantes — ela era delicada como a vergôntea de um bosque sagrado e oriental, e como a melodia das baladas de Ossian desprenhia de si um quê imponderável e puríssimo que não era dêste mundo nem dêste tempo... E sôbre o seu vestido de noite, afogado e salpicado de florinhas singelas, abria-se a graça sem par dum sorriso meigo e cândido desenhado nesses seus lábios delgados, formosíssimos — que lhe deixaram a impressão de que a *Gioconda* fugira do *Louvre* e estava ali, diante dêle, para o apaixonar.

Dançaram. Ela chamava-se Maria Helena e tinha a voz melodiosa que poderia condizer com a sua beleza estranha... Ele dançou pior ainda do que habitualmente, num atropêlo de sensações descontraídas: olhava a boneca petulante e platinada que ali o levava numa indiferença de que não compreendia a causa; o *réveillon* mórno e insípido parecia-lhe agora uma festa deslumbrante de côres, de risos, e de música; e perguntava-se, admirado, porque sentiria êle aquele enleio dulcíssimo e desconhecido...

Depois, mandou-lhe flores. Depois, passou a vê-la e a falar-lhe todos os dias, sem que para isso houvesse outra justificação além do prazer que sentia. Ela protestara pâlidamente contra aqueles encontros, mas consentia que êles dessem, e se prolongassem. Até que uma tarde êle lhe disse que lhe queria muito, como se quere uma só vez...

Ela ouviu, serena e imperturbável como sempre; como sempre também, sorriu — e foi com uma das suas mãozitas breves e esguias perdida na febre das dêles, olhando-o com ternura, envolvendo-o todo na carícia suavíssima da sua expressão angelical, que balbuciou um "não," inexpressivo e tímido, que mais não era que uma palavra desmentida pela sua própria atitude.

E a vida abriu-se diante dêles cheia de claridade e de sonhos, plena de venturas e esperanças, no instante em que as suas bôcas se confundiram num beijo — no primeiro beijo que ela deu e onde

nasceu a sua primeira ilusão côr-de-rosa...

Enlevada nesse grande amor viveu e acreditou na sua bela realidade, completamente, com essa confiança total que só os espíritos de eleição sabem sentir. Para o seu coraçãozinho adolescente e ingênuo êle representava tudo o que mais belo e mais nobre existe; conhecia-o apenas há alguns dias mas *sabia* que êle era generoso e bom, forte e leal; sentia que a amava imensamente, e que saberia lutar e vencer para ela e por ela! E duma vez que êle lhe disse, considerando a distância material que os separava — "Não sei se tenho o direito de continuar as nossas relações..." — ela sofreu horrivelmente e passou dias a pensar *nessa* frase, até que lhe pediu para nunca mais lhe falar "naquelas coisas"... Sentia que êle seria capaz de tudo dominar, de vencer por ela todos os obstáculos, e não queria que no seu primeiro amor, todo poesia e elevação, houvesse uma só nota material e rude.

Mas ela surgiu, enorme, na oposição do pai. Uma oposição intransigente, feroz, cega, à maneira antiga e bárbara das tragédias de Shakspeare, pretendendo matar um sonho e fazendo chorar lágrimas de revolta e de dôr àqueles olhos tão lindos e tão tristes. E era todo um cortejo de excitadas recriminações; o apontar dum futuro negro e miserável na união com aquele valdevinos, aquele mariola, aquele senhor sem eira nem beira que a procurava pelo seu dote... A pobre rapariga reagiu, a sofrer, contra aquelas tempestades de acusações; não tinha uma prova, um pilar seguro e palpável onde apoiar a sua repulsa por tudo aquilo — mas tinha uma ingênua confiança, uma confiança ilimitada nêle; tinha todo o seu grande amor, que lhe dava força para resistir, que lhe dava alma para lutar.

Velho, cansado duma vida constante de trabalho, o coração dêsse pai empederira-se depois de tantos anos debruçados sôbre o livro frio do "Deve," e "Haver"; e o seu cérebro onde sempre se acastelavam cifras não conhecia mais nada além daquilo que êle supunha o *seu Dever*. A vida tornára-o áspero, ríspido, fazendo que insensivelmente semeasse à sua roda um respeito feito de terror em vez de amizades feitas de carinho — e a sua vontade de ferro de arcáico chefe de família, anacrônico, intransigente e surdo a tôdas as razões, enfureceu-se ante a obstinação da filha.

Não viu nesse amor um direito sagrado da gente nova, onde tôda a influência seria demasiada quando passasse duma observação; para êle a única verdade era que a filha lhe desobedecia — por isso a sequestrou na quinta duns parentes, rodeando-a duma vigilância tremenda que a oprimia. Mas nem assim impediu que êles se vissem, nem assim conseguiu matar o amor enorme que os unia!

Foi de manhã que vieram acordá-lo com aquela carta — um *envelope* esguio e amarelo onde uma letra miúdinha escrevera o nome dêle. Ao reconhecê-la, abriu-o ansiosamente na grande alegria

daquelle belo despertar que vinha trazer-lhe notícias que não tinha há muito. E começou a ler:

"Por diversas razões inúteis de enumerar venho escrever-te esta última carta a participar-te a resolução que tomei de acabar completamente e para sempre com tudo que entre nós existiu..." E a prosa seguia sempre neste estilo, fria, duríssima, tremenda.

Ainda sob a impressão dolorosa da sua derrota, vergado ao pêso brutal do seu desgosto e debatendo-se na raiva impotente de o terem expoliado do sonho altíssimo da sua vida, êle respondeu-lhe nesse mesmo dia, aceitando amargamente a separação que lhe era imposta.

O velho homem de negócios ganhara a partida: o rapaz estava nessa tarde desesperado, abatido sôbre o balcão dum *bar*, diante do topázio desmaiado que brilhava no cristal — diante de mais um *whisky*...

Mas a pouco e pouco, no revoltado inconformismo da sua dor, foi relacionando factos, e reviveu, momento a momento, todas as horas encantadas e felizes do seu amor — e a explicação única para a monstruosidade daquela carta revelou-se-lhe súbitamente, clara, insofismável — consoladora. Tinha-a posto de parte no primeiro momento sob a impressão tristíssima que sofrera; mas agora tinha uma certeza certa, completa, de que ela lhe escrevera sob uma coacção exercida pelo pai, que na cegueira da sua teimosia nem reparara que a obrigara a escrever e assinar uma mentira. Então desdobrou a carta e leu-a vagarosamente, com tôda a atenção: em cada período, em cada linha, em cada palavra, êle advinhou uma influência estranha, uma vontade e um pensamento que não eram da pessoa que traçara aquelas letras. E como os bons presságios são como os maus — vem sempre uns atrás dos outros — recordou-se de outras circunstâncias iniludíveis que o fizeram rir alto do expediente já gasto usado pelo futuro sogro, e também da sua estulta credulidade que o conduzira a escrever-lhe aquela outra carta tão cheia de insinuações injusta e de queixas, pelo que sentia agora uma sensação agradável de arrependimento...

Quando êle saíu do *bar* dois homens conversavam à porta. Um dêles estava na atitude desanimada de quem sofreu uma derrota; o outro encorajava-o, e de tudo quanto estava a dizer-lhe êle apenas pôde ouvir:

— *Alors, mon cher. Tant qu'on n'est pas mort rien n'est perdu!*

Na rua o sol pareceu-lhe outra vez brilhante e alegre como nas horas felizes em que ouvia as palavras dela, e gozava a felicidade infinita de a ter junto de si.



Mannel Dias, o atleta do Benfica que venceu pela segunda vez consecutiva a Maratona Nacional

de participar nos oitavos de final do Campeonato do Mundo, que pela terceira vez é este ano organizado.

Desconhecemos ainda, ao escrever estas considerações qual tenha sido o resultado do encontro de Francfort, onde defrontámos no dia 24 de Abril o grupo representativo da Alemanha; a classe comprovada do adversário, que dêde há dois anos apenas conheceu a derrota no encontro que há um mês disputou em Viena, contra a equipa da Austria já anexada, não é muito propícia ao estabelecimento de vaticínios favoráveis mas êsse resultado pouco importa.

Frete à selecção germânica, o onze português foi buscar o aperfeiçoamento derradeiro, o esclarecimento dalguns pontos incertos na sua constituição optima, a adaptação ao ambiente desconhecido das lutas em território estrangeiro, que tão úteis lhe podem ter sido neste jôgo de suma importância contra a equipa helvética.

O grupo nacional partiu de Lisboa depositário da maior confiança dos desportistas compatriotas, justificada pelo êxito das suas anteriores exhibições e ainda pela súbida de valor verificada

No mesmo dia em que esta revista fôr distribuída ao público, a selecção nacional de foot-ball procurará, em Milão, arrancar à Suíça o direito

A QUINZENA DESPORTIVA

dum modo geral no foot-ball português e excelente forma em que se encontram alguns dos seus titulares.

A tarefa que vai desempenhar é difícil, muito mais difícil do que julga a maioria do público que forma sobre a categoria dos nossos adversários suíços uma noção errada; no entanto, essa tarefa não é antecipadamente impossível de levar a bom termo e, na pior das hipóteses, venderemos cara a vitória que nunca poderá ser desastrosa para as nossas côres.

Milão, terreno neutro escolhido para a luta, conhece já o foot-ball português que teve ocasião de aplaudir numa das tardes de mais injusta desgraça que nos recordam no historial da nossa actividade em país estrangeiro.

Foi no dia 1 de Dezembro de 1929, já lá vão mais de oito anos, que do campo da Ambrosiana, transformado pela chuva em lameiro intransitável, a selecção italiana bateu por 6-1, o grupo lusitano que durante a primeira meia hora, enquanto a adversidade lhe não quebrou o ânimo, lutára de igual para igual numa das suas melhores exhibições. Depois, veio a bola que o defesa Termudo desviou num toque infeliz para as rêdes de Carlos Silva, a falência desastrosa de Anibal José burlado de tôdas as maneiras pelo extraordinário Orsi, a lama cada vez mais pegajosa, mais escorregadia, onde os nossos por falta de hábito não conseguiram equilibrar-se, e o marcador foi subindo na conta do adversário esmagando-nos ao peso injusto dum resultado excessivo.

O único conforto, que nunca mais esquecerão todos aqueles que viveram essa jornada amarga, foi trazido pelos aplausos generosos do público italiano reconhecendo o castigo imerecido e saudando nos onze rapazes de Portugal, o brío inquebrantável, o aprumo na desgraça, o nobre desportivismo.

Talvez, entre os espectadores do desafio de hoje, se encontrem alguns que tenham presenciado também o jôgo de 1929; quero crer que êsses desejaram a nossa vitória, como uma justa compensação do destino.

As bicicletas recomeçaram a sua faina desportiva pelas estradas do país e, fielmente, resistindo a todos os êrros dos dirigentes, o bom público veio trazer com o entusiasmo da sua presença o incentivo indispensável ao progresso dos competidores.

As bicicletas recomeçaram a sua faina desportiva pelas estradas do país e, fielmente, resistindo a todos os êrros dos dirigentes, o bom público veio trazer com o entusiasmo da sua presença o incentivo indispensável ao progresso dos competidores.

Não pode negar-se ao ciclismo uma grande popularidade, filiada certamente nas circunstancias de ambiente em que decorrem as suas provas. Já algures nos recorda haver dito que as corridas em bicicleta tinham sobre as restantes manifestações desportivas a apreciável vantagem de dispensar a reunião dos espectadores em recinto especial e cuja entrada obriga ao pagamento duma taxa; os ciclistas em prova, visitam os espectadores em vez de serem visitados.

Por esta razão, e enquanto os homens envergarem as camisolas dos clubes em torno dos quais gira a paixão pública, o êxito das competições em estrada está assegurado; e ao chegar esta época haverá pela provincia, em muitas vilas, aldeias e cidades, quem lembre e espere certa corrida grandiosa que anualmente trazia durante o curto espaço dum dia, dumas horas, dalguns minutos, uma rajada de vida e movimento, de alegria e entusiasmo.

Desaparecida há dois anos do calendário desportivo português, é possível que a Volta a Portugal em bicicleta ressurja em 1938; não haveria em todo o país uma única pessoa a quem a noticia confirmada não regozijasse, até os próprios dirigentes do ciclismo que, por escassês de visão e inveja de incapazes, fôram os coveiros da prova para depois carpir o seu desaparecimento.

O programa oficial da temporada apresenta-se escasso em organizações de vulto; até agora, a prova de mais valor foi a corrida Batalha-Lisboa, intitulada Chama da Pátria, e que o jornal "O Século" promoveu no dia 9 de Abril.

Fôra dela, apenas assistimos às três clássicas provas que servem para a atribuição do campeonato regional nas categorias de amadores e independentes, e que a U. V. P. mantem dentro das mais rígidas tradições nos percursos escolhidos há vinte anos. Porque as estradas de agora são diferentes das de então, porque o material se aperfeiçoou e a tática dos corredores é muito diversa, alvitram alguns críticos da especialidade que êsses trajectos deveriam ser alterados para assegurar aumento de interesse à luta, assim prejudicada pelo conhecimento minucioso por parte dos ciclistas das estradas que têm a percorrer.

Achamos injusto o reparo e concordamos com a fidelidade da velha União neste capítulo; em todos os países do mun-

do existem provas com muitos anos de disputa e que, por essa mesma razão, criaram no espírito público mais elevada colação. Não desmereceram pela sua veteranía, antes permittem estabelecer confrontos a distância no tempo, que sempre agradam ao espírito dos interessados.

Sucedem, porém, nesses tais países que a par das provas clássicas se disputam outras que constituem a parte variável do programa de actividade anual; se na nossa terra se fizesse assim já os críticos não tinham pretexto válido para os seus comentários, mas os altos poderes limitam o seu esforço a cumprir o mínimo que a tradição tornou obrigatório; e quem quizer que faça o resto.

Após haver referido o foot-ball e o ciclismo, completaremos o triunvirato dos grandes desportos consagrando algumas palavras ao atletismo; mau grado nosso terão que ser de desoladora amargura.

Finda a temporada das corridas a cortamato, já analisado numa anterior crónica e reconhecida inferior em animação àquelas que a haviam precedido, seguiam-se no programa oficial diversas provas em estrada, excelentes factores de propaganda e pelas quais os nossos pedestrianistas e

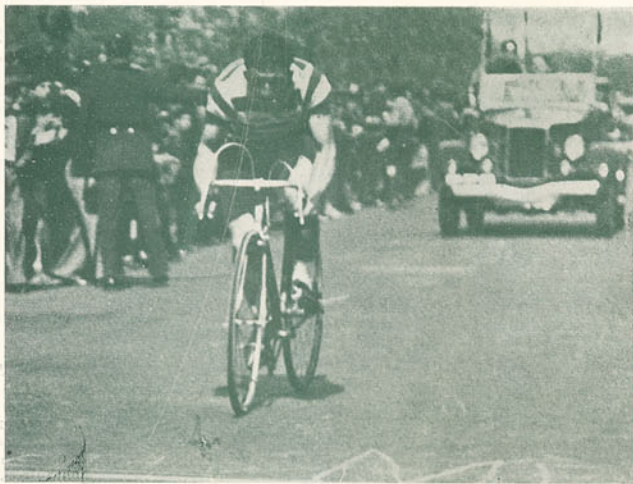
clubes haviam sempre mostrado franca simpatia.

Este ano, a concorrência a essas provas foi desgraçada: a Volta a Lisboa não se efectuou por falta de inscrições, Cascais-Lisboa manteve-se quasi ao nível da tradição, mas o campeonato regional de fundo reuniu apenas oito participantes e a Maratona nacional unicamente dois.

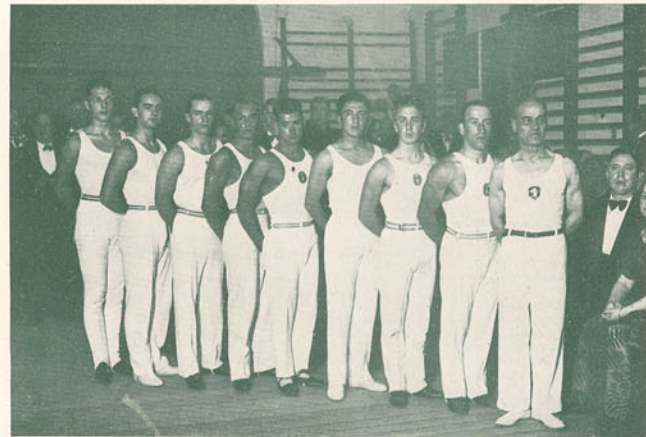
SALAZAR CARREIRA.



O novo avançado centro da selecção nacional, Fernando Petrólio, marcou trinta bolas em treze jôgos da Liga, record nunca sequer apossado



Felipe de Melo, o melhor ciclista do começo da época, entra vencedor na meta da corrida Batalha-Lisboa



Os elementos da classe de ginástica aplicada do Sporting, dirigidos pelo mestre António Carmo, obtiveram assinalado êxito no sarau organizado na sede do cluo

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguíer (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, 2 vol.; Sí-mões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick (língua e antiga lingua-gem); Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.^a ed.; Fonseca & Roquette (Sinóni-mos e língua); F. Torrinha; A. Coim-bra; Moreno; Ligorre; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic de Mitologia de Chompré; Rifoneiro de Pedro Chaves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Re-belo Hespanha; Lusíadas.

RESULTADOS DO N.º 4

Decifradores — TOTALISTAS — (25 pontos)

Agasio, Fra-diávolo, Dama Negra, Pimpas e Sevla

OUTROS DECIFRADORES

Barão Y — 20. M. A. P. M. — 18. Matina — 14. Francisco J. Courelas — 14. Larabasto — 13. Tarata — 13. Visconde X — 10

DECIFRAÇÕES

1 — Desgraça. 2 — ca(ro)cho. 3 — ver(da)de. 4 — remover. 5 — adorar. 6 — sege. 7 — óco. 8 — Meca. 9 — recapito. 10 — ataganir. 11 — es-tofa. 12 — gazear. 13 — abroquelado. 14 — alar-de. 15 — gangana. 16 — pu(ce)la. 17 — es(cri)to. 18 — ca(cha)ça. 19 — mor(men)te. 20 — no(va)to 21 — comodo. 22 — antemão. 23 — palavra. 24 — diasco. 25 — Pelo Natal bico de pardal.

TRABALHOS EM VERSO

LOGOGRIFOS

1) Eu bem sei que tu mereces a liberdade bendita, que por tão cruel desdita é p'ra ti uma saúde! por isso a crença se atia nessa tua timidez, pois bem mostras honradez ao povo da tua aldeia.

Não fiques triste, Maria, olvida o quanto fizeste que o teu lar é tão celeste como a fé que em ti persiste... Lá vive no mesmo ponto, cheio de graça e frescor, esperando o teu amor hoje acrisolado e triste.

Não, não chores mais, Maria, que a mácula o tempo gasta — 3-1-4-1 e voltarás a ser casta, a ser digna, a ser eleita, a viver ditosamente como outrora, em terno amor, e tão simples como a flor — 4-1-2-5 que vive à luz, satisfeita...

Depois verás como as aves, alegremente cantando, tódas juntinhas, em bando, irão buscar-te ao caminho — 4-5-3-1 entoando mil canções, saltitando no arvoredo, num chilrear doce e ledo embebido de carinho!...

Nesse dia, até a igreja tocará Avé-Marias... e cantando melodias vai passar o rouxinol, muito alegre e satisfeito, à janela do teu lar para melhor entoar à luz etérea do sol...

Lisboa

Fero

Três linhas ao meu amor...

2) Que crisálida bela me pareces, — 7-5-4-1-2 imagem sedutora, ó minha flor; sei que me queres — és um lindo amor, e que meu pobre ser tu nunca esqueces.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 13

Um beijinho... sim? E's tão *carinhosa* — 8-9-3-7-2 que suspiro por ti, vezes sem fim... Tu és uma louquinha... Eu, um jasmim? — Comparação gentil... e maviosa!!!

Ela *provoca* uma censura... um beijo... a coisa que se dá e se não sente... talvez por ser roubada, num repente, matando uma paixão, terno desejo...

Há dias eu *prestei toda a atenção*... — 1-5-8-6-5 Era o caso de um par muito chegado que falava num tom apaixonado... zombei e tive inveja e... *compaixão!*

Mas já 'screvi bastante... E é-me forçoso deixar-te por uns momentos — é a vida... mas teu ser ficará, ó minha qu'rida, num *desejo* suave e mavioso...

Lisboa *Adeusinha (L. A. C.)*

ANTIGAS

A tódas as confrades, com os meus respeitosos cumprimentos

3) ... *Nisto* assomou — que amor, que deusa bela Arrangei a gravata e compuz o chapéu. Como está?... (Um sorriso...) O! lindíssima

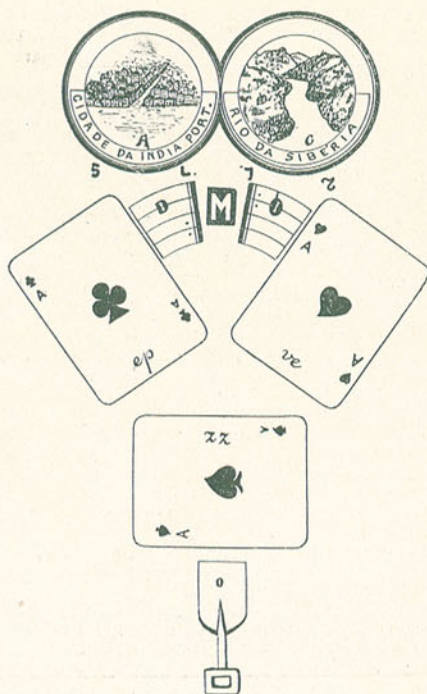
Ao pé, junto de vós, estou... estou... no céu...

Um *amplo* madrigal... uma linda estocada... me respondeu a rir... — eram belos os dentes!...

19) ENIGMA FIGURADO

Extra concurso

Agradecendo todas as amáveis dedicatórias



Lisboa

Ordisi

E, então, eu redobrei — lado a lado e em ataques cruéis de palavras ardentes.

Avalio — diz ela — o seu vão entusiasmo, a sua graça infinda, a sua eloquência. Aquele só merece o meu inteiro pasmo, e esta, sim... só demonstra a sua aspiência...

Mas disse-me, disse-me — ó «vil» conquisador que embriaga e seduz... (parece ouvir... «ter [mãe]...») A vossa profissão... — O! Eu??? Eu... sou — Ah! Ah!!! Por isso vós representais tão bem!...

Lisboa *Adeusinho (L. A. C.)*

TRABALHOS EM PROSA

NOVÍSSIMAS

4) *Desenvolve-se* a crise, *sobrevem* o desemprego, cessa a *lavoira*. — 2-1

Lisboa *Mirones (L. A. C.)*

5) Foi *aqui* que a *ave nocturna* deixou o *lote*. — 1-1

Luanda *Dr. Sicascar (L. A. C.)*

6) *Cumpra* as minhas ordens. Deixa essa *vaidade* e não sejas uma *peessoa inconstante*. — 2-1

Lisboa *De Negro (M. D. C.)*

7) A *doença*, que apanhaste, inspirou-me *compaixão*; mas quem te manda ser *bêbado*? — 2-1

Lisboa *Príncipe Alex Karhejoff (M. D. C.)*

8) Um *grande* nevão faz *gelar* os corações dos que, para viver, precisam de *cultivar*. — 1-2

Lisboa *Voltaire (M. D. C.)*

9) *Dentro* de a minha *categoria* há mais *peessoas* no *empório*. — 2-2

Coimbra *Carlos C. Granadeiro*

10) Foi *perto* da igreja que te reconheci pela *forma*. Lembra-te? Era *Domingo de Pascoela*. — 2-2

Lisboa *Carlos V. Sousa*

11) O *verde-mar* dos olhos da *mulher travessa* é devido à *opacidade* da *córnea transparente*. — 2-1

Coimbra *Galhardo*

12) Com tua *figura* dá *vontade* de subir para o *guindaste*. — 1-2

Coimbra *Avlis Yur*

13) ... *Ou* isto não fôsse feito com *madeira* de *carvalho*. — 1-1

Faro *Afonso J. Baptista*

SINCOPADAS

14) Admiti na minha loja um *aprendiz* de *caixeiro* que não sabia o que é uma *concha* de *aquecareiro*. — 3-2

Lisboa *Visconde da Relva*

15) Este *militar* não recebeu o seu *salário*. — 3-2

Lisboa *Águia Vermelha*

16) O *chanfalho* só serve para dar *pancada*. — 3-2

Lisboa *Ricardo (T. E.)*

17) Caíste num *lôgro* porque não tinhas *abundância*. — 3-2

Lisboa *Africanista*

MEFISTOFÉLICA

18) Aquele que gosta de *blasonar*, por se *julgar homem decidido* para *qualquer empresa*, tem medo, às vezes, dum *rêde* de *arrastar*. — (2-2) 3

Luanda *Ti-Beado*

Toda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: Isidro António Gayo, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.^o — Lisboa.

VIDA ELEGANTE

Em Paris

Ofereceu no Hotel Ritz, em Paris, um almoço elegante, a nossa ilustre compatriota e brilhante escritora sr.^a D. Olga de Moraes Sarmiento, tendo sido convivas, Sua Alteza a Senhora Infanta D. Eulália, Embaixador do Brasil e senhora de Sousa Dantas, Marechala Joffre, Conde e Condessa de Chabrilan, Viscondessa de Currial, Conde de Jametel, André de Fouquieres, Antas de Oliveira, secretário da Legação de Portugal e esposa, Nunes da Silva, André Rivollett, Silva Ramos e esposa, e Henrique Dias de Oliveira.

Casamentos

Na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, celebrou-se o casamento da sr.^a D. Maria Ernestina Mendes de Araujo, gentil filha da sr.^a D. Lucrécia Mendes Lopez de La Cruz de Araujo e do nosso presado colega na imprensa, redactor principal do nosso colega «Diário de Lisboa», sr. Norberto de Araujo, com o sr. dr. Julio de Jesus Martins, filho da sr.^a D. Maria da Piedade Martins de Jesus e do capitão sr. José de Jesus.

Foram padrinhos por parte da noiva, a sr.^a D. Olinda Maria Nunes de Almeida Cortegaça Alves e o sr. José da Silva Regalheira, e por parte do noivo a sr.^a D. Adelaide Maria de Castelo Branco Pereira Garcez de Sousa, e o coronel sr. Sergio Ribeiro de Sousa.

Presidiu ao acto o prior da freguesia reverendo António de Oliveira Reis, que no fim da cerimónia fez uma brilhante alocução.

Serviram de «damas de honor» as amigas da noiva sr.^{as} D. Florinda Campos dos Santos, D. Leonor Mimoso Moreira, D. Helena Santos, D. Maria da Graça Moraes, D. Maria Helena Mendes de Sá e D. Maria Julia de Quina Ribeiro, e de caudatárias a menina Maria Gabriela Cirilo Machado de Araujo e o menino Manuel Barrera Navas da Fonseca, conduzindo as alianças, o menino Luís Barrera Navas de Araujo.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, à rua Vitor Bastos,

um finíssimo lanche. Os noivos a quem foram oferecidas grande numero de valiosas e artisticas prendas, que se encontravam expostas em uma das salas, partiram para Braga, onde foram passar a lua de mel.

— Para seu filho José Elias, foi pedido em casamento pela sr.^a D. Maria Barbara Cesar Nunes, viuva do sr. João Nunes, a sr.^a D. Adelaide Monteiro Caldeira Alvim Polvora, interessante filha da sr.^a D. Maria Eugénia Monteiro Caldeira Polvora e do sr. Abel Gomes Polvora, correspondente de nosso colega «Diário de Lisboa» em Cezimbra, devendo a cerimónia realizar-se brevemente.

— Realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Celeste da Graça Pereira, gentil filha da sr.^a D. Laura da Graça Pereira e do sr. Vasco Pereira, já falecido, com o sr. Francisco Diogo de Oliveira Costa, antigo chefe do Arquivo das Companhias Reunidas do Gaz e Electricidade, filho da sr.^a D. Elizária Maria de Oliveira Costa e do sr. António Ferreira Costa, já falecido.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Julia Cândida de Oliveira Costa Mestre e D. Eva Pereira Guerreiro, e de padrinhos os srs. Augusto de Oliveira Costa e Estevão José de Oliveira Costa.

Finda a cerimónia que revestiu um carácter de muita intimidade, foi servido na elegante residência da mãe da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos, um grande numero de artisticas prendas.

— Para seu afilhado o sr. José António Pinto, foi pedida em casamento pela sr.^a D. Alda Lopes, esposa do sr. Manuel Domingos Lopes, a sr.^a D. Maria Augusta Damas Mora, interessante filha da sr.^a D. Amélia Damas Mora e do sr. Augusto Damas Mora, devendo a cerimónia realizar-se por todo o corrente mês.

— Em capela armada na elegante residência da sr.^a D. Maria Augusta de Freitas Moraes, e do sr. Aarão de Sousa Moraes, à rua de Santa Catarina, no Porto, celebrou-se o casamento de sua gentil filha D. Maria do Carmo, com o sr. António dos Santos Lessa, filho da sr.^a D. Emilia Ferreira Pinto e do sr. António dos Santos Lessa, já falecido.

Foram madrinhas as mães dos noivos e padrinhos o pai da noiva e o sr. Manuel dos Santos Lessa, irmão do noivo, pr. sidindo ao acto o reverendo Angelino Lema, capelão da igreja de S. Joaquim, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Acabada a cerimónia foi servido no salão de mesa da elegante residência um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande numero de valiosas prendas para o Bussaco, onde foram passar a lua de mel.

— Ajustou-se oficialmente o casamento da sr.^a D. Celeste Cesar Nunes, interessante filha da sr.^a D. Maria Barbara Cesar Nunes, e do sr. João Nunes, já falecido, com o sr. Henrique Jorge de Sampaio Ferreira de Sousa Machado, filho da sr.^a D. Matilde Leonor de Sampaio Parreira da Silva e do sr. Antonio Augusto Machado, funcionário superior da Alfandega, devendo a cerimónia realizar-se por todo o corrente ano.

— Na paróquia de S. José, celebrou-se com a maior intimidade, o casamento da sr.^a D. Carmen Raquel Bérnés, com o sr. Humberto Frederico Fragoso de Vasconcelos, servindo de madrinhas as sr.^{as} D. Isabel Bérnés Santos, mãe da noiva e D. Julieta de Vasconcelos Brandão Pais, irmã do noivo e de padrinhos os srs. Carlos Bérnés, irmão da noiva e Armando de Vasconcelos, irmão do noivo e antigo actor empresário.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência do irmão e padrinho do noivo, à Avenida da Liberdade, um finíssimo almôço, recebendo os noivos, um grande numero de artisticas e valiosas prendas.

— Realizou-se na elegante residência da sr.^a D. Florinda Nuno Florido Antunes e do nosso querido amigo sr. Salvador José Antunes, com a maior intimidade, o casamento de sua gentil filha D. Alda, com o sr. José Franco Ferreira, filho da sr.^a D. Adelaide da Conceição Franco Ferreira e do sr. José Alexandre Ferreira, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Acabada a cerimónia foi servido no salão de



A sr.^a D. Maria Ernestina Mendes de Araujo, e o sr. dr. Julio de Jesus Martins, por ocasião do seu casamento celebrado na paróquia de S. Sebastião da Pedreira — (Fot. Diniz Salgado)

mesa da elegante residência, um finíssimo lanche, partindo os noivos a quem foram oferecidas grande numero de artisticas prendas, para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

— Pelo distinto engenheiro sr. Manuel Lúcio Silvério da Silva, foi pedida em casamento para o sr. Gil Cristovão Gonçalves, filho da sr.^a D. Maria Augusta Cristovão Gonçalves e do sr. André Gonçalves, já falecidos, a sr.^a D. Noemia de Moraes Palmeiro Santos, interessante filha da sr.^a D. Carlota Joaquina de Moraes Palmeiro Santos e do sr. António Fortunato Simões dos Santos, devendo a cerimónia realizar-se por todo o corrente ano.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Maria Clotilde Galvão Teles, esposa do nosso querido amigo sr. Alberto Galvão Teles. Mãe e filho estão felizmente bem.

— Na Maternidade Dr. Alfredo Costa, teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Maria da Gloria Castro e Sola Mendes da Fonseca, esposa do sr. Luís Mendes da Fonseca, assistida pelo distinto cirurgião sr. dr. Costa Felix. Mãe e filha encontram-se de perfeita saude.

— Com a maior felicidade, teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Maria do Carmo Bessone Basto Sabido, esposa do sr. Fernando Sabido. Mãe e filho estão felizmente bem.

— A sr.^a D. Ester Nunes Ribeiro Oom, esposa do distinto engenheiro sr. José Tomaz Oom, teve o seu bom sucesso na Maternidade Dr. Alfredo Costa, assistida pelo distinto cirurgião sr. dr. Costa Felix. Mãe e filho estão de perfeita saúde.

Baptizados

Na paróquia de S. Mamede, celebrou-se o baptizado do menino Antonio, segundo filho da sr.^a D. Maria Domingas do Carmo de Noronha de Mendonça e do sr. D. Nuno José de Mendonça, servindo de madrinha a avó paterna sr.^a D. Adelaide de Almeida e Vasconcelos de Mendonça e de padrinho o avô materno sr. D. Antonio de Sales de Noronha (Paraty).

— Celebrou-se na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, o baptizado da menina Mariana Maria, gentil filhinha da sr.^a D. Maria da Conceição Correia de Sampaio de Seabra de Oliveira e do sr. Antonio Alberto Velasco Fernandes de Oliveira, tendo servido de madrinha a avó materna sr.^a D. Mariana Correia de Sampaio de Seabra e de padrinho o avô paterno sr. Antonio Duarte de Oliveira.

D. NUNO.



No dia 9 de Abril consorciaram-se no formoso Mosteiro de S. Torquato, em Guimarães, a gentil sr.^a D. Maria Adelaide Gomes Paul com o sr. dr. Ilídio Joaquim Gomes Moreira, distinto professor do ensino secundário. A noiva é filha do importante industrial sr. Gaspar Ferreira Paul, director da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, proprietária das Fábricas de Campelos. O noivo é filho do sr. Albino Luis Gomes Moreira, proprietário em Braga. Pertencem ambos, a duas das melhores famílias do Norte, onde ocupam lugar de relevo



trar quanto é nefasto o éro, não era caridoso, mas um pouco desculpável, mas o prazer com que se rbusca o assunto descrevendo íntimos pormenores, que é impossível conhecer, e, que em geral não são dos mais edificantes, só pode ser nocivo para as almas tenras e nobres o conhecimento desses assuntos que tais conversas lhes revelam.

E para quê? perguntaremos. Sem nenhum fim útil e apenas para esgravatar na desgraça humana.

Nessa altura é preferível que não haja conversa, que as pedras artisticamente trabalhadas por poetas e mãos orientais absorvam por completo as atenções, e, que o botão da Rádio generosamente aberto, atraia os ares com o mais barulhento dos Jazz. Porque a alma pura e branca das raparigas exige o cuidado máximo, com os seus ouvidos e a maledicência só poderá ser para elas a mais nociva das escolas.

Nem em todos os terrenos cai a semente da mesma maneta, e, a censura ácida e violenta, pode sugerir curiosidades perigosas, ou tornar cinzas, almas que só pela sinceridade podiam ser felizes.

É pois para desejar o regresso á conversa interessante espiritosa e superior, e, acabar de vez com essa manifestação de inferioridade, que é a má lingua, que tudo deturpa muitas vezes, e, envenena a atmosfera, destruindo tudo o que há de bom na alma humana e contribuindo apenas para a descrença dos nobres, no bem.

MARIA DE EÇA.

A moda

TRIUNFAL e alegre chega-nos a moda de verão. Chapéus floridos, grandes chapéus com grandes véus postos junto á cara sem flutuarem, evocam a moda dos primeiros anos de 1900.

«Capelines» cobertas de flores, «toques» em pétalas tudo nos leva á elegância vistosa e bem

produzia as faiscas de cintilante espírito. Hoje as pessoas que não têm espírito para dispendir com as suas visitas, absorvem-nas com as complicadas locuções do «Ma Jong», ou põem-lhes em contacto o último aparelho de T. S. F., que faz as despesas da conversação, apresentando as últimas notícias mundiais, o que é sempre apreciável, ou o barulho atroz dum insuportável «Jazz Band».

A conversa morre, a amizade pela civilização e assim se perde uma manifestação de intellectualidade, por excesso de aperfeiçoamentos na vida humana de todos os dias.

Mas se morre e desaparece a conversa superior e intellectual, aquela que nos deixa qualquer coisa na alma, o prazer de ouvir o espírito elevado; subsiste e mantem-se o género de conversa banal e molesto do dizer mal.

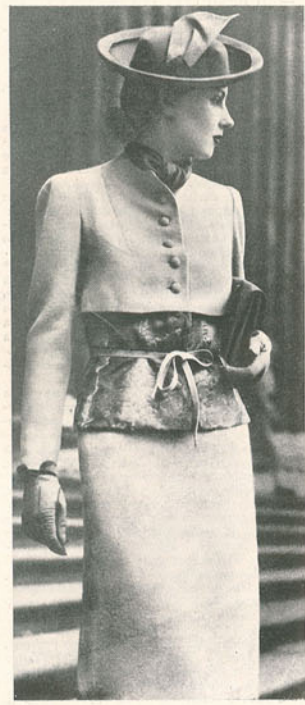
Se em vez de problemas de interesse politico, ou científico, de cultura e de arte, se trata de dizer mal do próximo, todos se interessam, fecha-se a rádio para se não perder uma palavra e todos expõem em entusiástica confusão, tudo o que sabem de mal sobre a pessoa que se discute.

Os próprios jogadores de Ma Jong que em geral não ouvem o ribombar do trovão, levantam a cabeça esquecem as pedras lavradas e concorrem com acedados perfidias, para demolir o ausente, de quem se trata.

Mas se o dizer mal de quem não está presente e se não pode defender, é já de si uma coisa odiosa e de pouca caridade. Já não há a acrescentar, que quando se trata desse polpitante assunto de dilacerar a reputação duma mulher, ou demolir a vida dum homem, tudo esquece e até a presença da gente moça, principalmente das raparigas novas, de quem ninguém se preocupa de destruir ilusões e tornar conhecedoras das mais baixas vilezas.

Diz-se e critica-se que a rapariga de hoje não tem a ingenuidade, a singeleza a pureza de alma que era a mais bela faceta do espírito da rapariga de antes, mas esquecem que todos contribuem para que a rapariga perca esse encanto de fresca inocência, desenrolando com manifesto prazer o filme de desgraças, reais dumas, e outras agravadas ou aumentadas, dum vida que se desfia da estrada directa.

Se apenas se fizesse uma referência a qualquer infelicidade, aproveitando para demons-



PÁGINAS FEMININAS

feminina dos primeiros anos deste século, não faltando o «canotier» triunfo dessa época.

Nos vestidos, de tecidos leves e vaporosos, não se nota a mesma tendência, antes pelo contrário, as saias em vez de se tornarem compridas e amplas como então, estão tomando a feição de estreitar e encurtar.

Não é muito para felicitar a mulher, esta tendência da moda, que prejudica sempre a harmonia da linha geral e além disso poucas pernas resistem a uma exibição tão franca, magras ou gordas de mais, não lucram com essa exibição, mas como sempre compete ao bom senso das senhoras escolher o que as favorece e aproximando-se da moda, não a seguir á risca, nem a exagerar.

Como modelos temos um vestido de viagem em fazenda de lã «beige» saia e botero curto vestido sobre uma blusa comprida em «noir» azul escura, uma tira de fazenda forma o cinto da blusa.

Chapéu «breton» em palha azul escura debruada a fita «beige» em «gasgrain» com uma laçada na mesma fita presa no alto da copa. Luvas, «écharpe» e carteira em azul escuro.

É uma «toilette» elegante e original.

Para jantar um vestido em pesado crepe «marocain», verde pálido, a saia escura é eleganteíssima. O decote subido na frente abre em bico nas costas. O decote e as cavas do vestido são guarnecidas com galão de ouro, que guarnece também o elegante bolero de mangas compridas, que se usa sobre o vestido.

O vestido de tarde que o acompanha é em crepe Sara muito simples e justo com mangas compridas muito justas, a frente do corpo do vestido é formada por duas tiras de crepe «Georgette» branco que cruzam e formam cinto com uma abundante laçada a frente que, cai até á borda da saia.

Para a noite apresenta-nos uma Merkel, a linda estrela da Metro Goldwyn Mayer, um lindo e muito simples vestido em tecido «lamé» de ouro. O decote subido á frente é seguro por duas tiras que cruzam nas costas. A saia lisa e comprida forma uma longa cauda. Duas joias iguais que guarnecem a frente do vestido são o seu único enfeite.

Estes vestidos em «lamé» têm de ser da maior simplicidade para dar bom efeito, senão ficam pesadíssimos.

Como chapéu temos um elegante «canotier» em palha preta debruado de branco e com uma fita branca em volta da copa.

Uma coroa de flores variadas e dum colorido variado, alegre o chapéu que um véu moderno e elegantíssimo completa, e como véem, dos chapéus sem guarnição alguma, passamos ás guarnições complicadas.

O penteado é sempre objecto de cuidadoso estudo da parte de todas as senhoras e meninas e muito contribui para o seu embelezamento.

Wera Engels formosíssima rapariga, recentemente contratada pelo Metro Goldwyn Mayer e artista de assegurado futuro, usa um encantador penteado que embeleza qualquer menina ou senhora nova que o imitar. Simples e juvenil confiz com a expressão ingenua, da graciosa artista.

Para que um penteado fique bem e realce a fisionomia, é necessário que se harmonise com a forma da cabeça e com a expressão do rosto, porque é preciso para que haja verdadeira elegância a harmonia do conjunto.

Bom senso

HÁ no mundo uma noção errada sobre o carácter da mulher francesa. Quanto se discute o carácter das mulheres de várias nacionalidades, a francesa é em geral apresentada como mulher leviana, infiel, volúvel, interessera e até aventureira.

E não há maior injustiça do que esta, que a mulher francesa tem de agradecer aos escritores e escritoras da sua terra, que em geral nos seus romances a colocam em péssima situação apre-

sentando mulheres duma devassidão, que está longe de ser o carácter da mulher francesa.

Mulheres de mau carácter há em toda a parte e claro, que nem todas as mulheres são sujas de virtude, mas daí ao que se diz das francesas em geral, vai uma grande diferença.

Prova-a a attitude de M.^{lle} Marcelle Guillou a gentil rapariga que há alguns anos foi decretada a primeira modista francesa.

Nasceu a ideia graciosa dum concurso que levantasse e tornasse conhecido o nome duma dessas gentis raparigas que pulam na rua de la Paix, nos Campos Elisios, no «faubourg Saint Honoré». Hábeis costureiras que com a sua graça e a sua arte contribuem para a fama de elegância, que torna Paris, o centro da moda.

Ao concurso apresentaram-se vestidos primorosamente executados. Mereceu a primeira classificação M.^{lle} Marcelle Guillou, que tinha perdido noites para executar uma verdadeira obra prima de costura.

Recebeu prémios, presentes, foi recebida pelo Presidente da República e apresentaram-lhe propostas valiosíssimas para dirigir casas em Paris e no estrangeiro.

Mas M.^{lle} Guillou preferiu casar com um rapaz trabalhador e honrado, constituiu um lar que se dedicou profundamente em vez de seguir a estrada de aventuras, que do estrangeiro lhe propunham.

É vicio assim demonstrar que a mulher francesa não é a aventureira que só procura o seu interesse material e que para ela a vida do lar e a maternidade são ainda elementos indispensáveis á vida calma e feliz dum mulher de bom senso. E a mulher francesa possui em alto grau esta qualidade.

O ideal

Discute-se continuamente o ideal de vida. E é das coisas que não tem discussão possível. O ideal de vida é uma coisa absolutamente pessoal, e, o que é o sonho de uns, causa horror a outras.

A vida apresenta-se como é, e, em geral o ideal nunca se realiza. Há mesmo pessoas para quem seria impossível realizá-lo, visto que mudam de ideal tantas vezes na vida.



Mas quando o ideal é absolutamente elevado e espiritual, adapta-se a todas as existências. Seja qual for a vida que o destino nos prepara. E a verdadeira filosofia está em tornar o ideal, a vida que temos de fazer, porque a verdade é que nada nos poderá fazer modificar as coisas.

O ideal é a espiritualidade que nos acompanha e, que é o sonho a maior parte das vezes irrealizável, mas é isso que é o encanto da vida. Faz-nos viver duplamente. A vida como ela é e uma outra além, que consola das desilusões da primeira. E tristes são as que vivem sem um ideal superior.

Higiene e beleza

O cabelo foi sempre uma das maiores belezas da mulher e é portanto bem natural os cuidados que elle lhe merec. Mas na sua ansia de beleza a maioria das mulheres acabam por destruir e irremediavelmente perder o cabelo. Primeiro a mania de serem loiras, que faz queimar o cabelo e em seguida o excesso de frisados.

A permanente tem dado um aspecto horrível a algumas cabeças. Permanentes baratas e mal feitas, que tornam em cabeças de pretas de carapinha, alguns lindos cabelos, que até aqui lisos ou ligeiramente ondulados tinham a maior beleza.

Em todos os tempos houve cabelos lisos, ondulados ou frisados. Hoje apenas há cabelos



misturam-se-lhe 40 gramas de manteiga e 40 gramas de queijo parmesão ralado. A este rizado ao natural pode juntar-se um molho de tomate; presunto magro ou cogumelos e alcachofras picadas meduntamente.

Ovos com mostarda: — A preparação clássica destes ovos é bastante dispendiosa porque levam muita manteiga. Esta maneira é a mais económica:

1.º — Deitar numa caçarola 20 gramas de manteiga e 20 gramas de farinha; mexe-se a mistura com lume brando durante alguns minutos, sem se deixar ganhar calor; dissolve-se com 4 decilitros de leite quente um pouco de sal, pimenta, e noz moscada e deixa-se ferver lentamente até ao momento de empregar, junta-se a farinha e manteiga.

2.º — Cozem-se oito ovos em água quente; sómente são necessários oito minutos, para que a gema fique um pouco preta; deitam-se em água fria uns segundos e tira-se-lhes a casca.

Cortam-se ao meio sobre o comprido, deitam-se no molho com a caçarola fóra do lume e juntam-se-lhe 60 gramas de manteiga, uma colher de mostarda, um fio de vinagre e mexe-se a caçarola. Colocam-se os ovos num prato concavo, semela-se de salsa picada bem miudinha para enfeitar os ovos e servem-se.

É um excelente prato para almoço e de auxílio para as donas de casa quando falta carne ou peixe.

De mulher para mulher

Manita: É interessante o que me diz, leia o livro de Maetterlinck. «La vie des Abeilles e também o tratado Fabrè sobre os insectos. A agricultura é utilíssima pelo resultado monetário, como distração, dá pouco trabalho, são as abelhas que tem a seu cargo todo o trabalho e a colheita do mel só se faz de Julho a Setembro.

Bela: É feliz por se-lo segundo se vê. Faça para a saia de setim preto uma blusa com «lamé» de cores e ouro, dão um lindo efeito e servem para jantar. Dentro dum tailleur ou, dum casaco de abalo dão uma nota de elegância.

Amélia: Se tem esse desejo de se salientar, aprenda a dançar, mas creia que não é necessário ser uma artista a dançar, para ter pares. As raparigas aprendem a dançar em sociedade. É uma coisa natural e se me pede conselho sincero de o seguir, creia que entendo que aproveitaria muito melhor o seu tempo, aperfeiçoando-se em inglês e lendo livros que a instruem.

Aida: Os «tailleurs» usam-se em todas as épocas do ano mas na primavera e no outono estações intermédias vem se mais porque não são quentes nem frescos de mais. Procure um médico bom, essas coisas não se desprezam nem se tratam por anúncios.

UM DE PESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — V. 10
Copas — A. 8
Ouros — 6, 4
Paus — V. 9

Espadas — — — — N Espadas — D. 9, 8
Copas — R. D. O E Copas — 5, 4
Ouros — 8, 7, 5, 2 Ouros — V. 10, 3
Paus — 10, 8 S Paus — — — —

Espadas — 7, 5
Copas — V. 2
Ouros — A. R. D. 9
Paus — — — —

Trunfo copas. S joga e faz 7 vasas

(Solução do número anterior)

S joga D. o., O — 7 o. (a)
S joga D. c., N — A. c.
N joga 4 o., O — V. o.
O joga 2 p., N — 10 o., E — 9 o., ou V. c.,
S — V. p.
S joga R. p., O — 8 p., N — 10 c., E — V. c.
ou 9 o., porque se não pode baldar a espadas.
S joga 8 o., e cumpre as 7 vasas.

(a) Se O não joga 7 o.
S joga D. o., O — V. o.
S joga 8 c., N — R. e.
N joga 2 e., E — V. c., S — V. p.

Qualquer carta que O jogue, S e N fazem
tôdas as vasas.

Seqüência desorganizada

(Passatempo)

No meio duma narrativa qualquer em que se descrevem vários episódios ligeiros, vem a seguinte frase que, não se sabe como, safu da forma confessa que se está vendo:

«A bandeja desequilibrou-se, a mancha ficou, a mão tremeu-lhe, o vestido molhou-se, o vinho entornou-se e um copo caíu.» Ora, esta série de pequenos incidentes devem formar uma seqüência definida, mas apresentam-se todos embaralhados.

Queiram os leitores restituir-lhes a devida seqüência.

Tudo gasto

(Solução)

A senhora falou verdade; tinha 70 escudos na sua malinha, antes de entrar no primeiro armazem.

70 + 70 = 140 — 80, resta 60
60 + 60 = 120 — 80, resta 40
40 + 40 = 80 — 80, resta 0.

Uma vitória

A história moderna ofereceu poucos exemplos de heroísmo comparável ao de Philip Snowden que foi ministro das finanças da Grã-Bretanha e cuja vida inteira é uma lição de incomparável energia. Filho de um pobre operário, veio a ocupar os mais altos cargos, graças unicamente ao seu mérito.

Um dia, ao percorrer de bicicleta as colinas e vales do Iorkshire, escorregou e deu uma queda desastrosa que ficou estropeado para toda a vida.

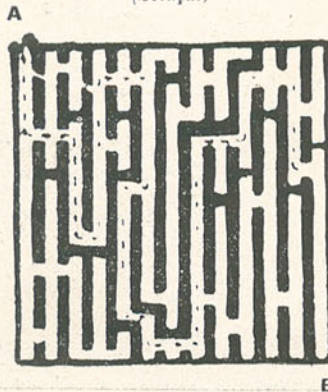
Parecia que a carreira lhe ficava cortada e que tudo estava perdido. Entregou-se daí em diante inteiramente à tarefa de salvar ainda o que restava das suas próprias ruínas.

Durante dois anos, consagrou-se ao estudo da economia e da política. Seguiu, nos livros, a luta incessante do homem para o progresso social.

Tornou-se professor de si próprio e nunca examinador algum foi tão exigente para um discípulo como ele o foi para consigo mesmo. Tendo a vontade triunfado do espírito, este por sua vez, triunfou do corpo. Nunca mais recuperou o uso das pernas, teve de andar, toda a vida de muletas, mas a vitória moral do homem sobre o desastre sucedido foi completa.

Labirinto

(Solução)



Eis o único caminho que havia a seguir.

Massenet e o número 13

Este célebre compositor tinha grande superstição com este número. Nunca datava uma carta em dia 13, e os seus manuscritos eram numerados assim: 12, 12 bis, 14, etc. Por uma estranha coincidência, morreu num dia 13, de um ano cujos algarismos somados davam 13.

Rimas forçadas

Dulot, poeta francês do meado do século XVII, fez grande alarido com as suas queixas de lhe terem roubado trezentos sonetos, perda que ele deplorava imenso, embora não os tivesse composto ainda; mas sim, unicamente, as rimas que eles deviam ter! Era esse, dizia, o seu costume de lhes dar começo, era, sempre, assim que os compunha!

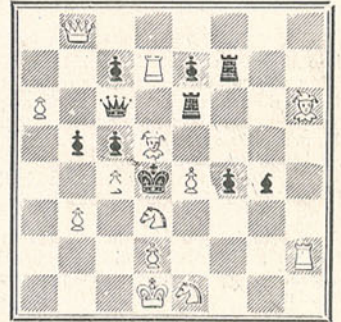
Isto, como era natural, pareceu o mais extraordinário possível a todos quantos tiveram de ouvir-lhe as lamentações, e logo começaram a fazer o mesmo, arranjando rimas extravagantes, e divertindo-se depois a aproveitá-las para fecho dos respectivos versos. acomodando-as de diferentes maneiras e sobre variados assuntos. Daí proveio o passatempo literário dos bouts rimés (rimas forçadas).

Xadrez

(Problema por J. Wilner)

Branças: 13

Pretas: 10



Jogam as brancas e dão malé em três lances.

Pérolas perigosas

Certas pedras preciosas têm a fama de afectar de maneiras diversas aqueles que as usam segundo o estado de saúde ou qualidade da pele destes últimos.

Uma senhora inglesa que fez presente a uma sua amiga de metade de um fio de pérolas que possuía, sofreu durante anos duma violenta moléstia de pele, até que por fim se provou indiscutivelmente que esses ataques de doença eram causados pelo uso que ela fazia dessas pérolas especiais. A amiga a quem presenteára, pelo seu lado, nunca sofreu cousa alguma com o uso da sua parte do colar; mas esta senhora gozara sempre de muito boa saúde. A explicação deste curioso facto, dado por um médico, foi que, no caso da primitiva dona do colar, a sua pele largava uma substância que, misturando-se com as pérolas, criava a decomposição destas, e daí a inflamação da pele.

As opalas e outras pedras, da mesma forma que as pérolas, mudam de cor, segundo as condições físicas de quem as usa, e adquirem um tom muito diverso, conforme são usadas por uma ou outra pessoa. Diz-se que provêm daqui a superstição antiga e fortemente enraizada relativa a pedras preciosas, próprias de amores e feitiços, que indicavam bons ou maus preságios, segundo a sua mudança de cor.



— Deseja alguma cousa, cavalheiro?
— Não, obrigado. Ando por aqui a ver se encontro minha mulher... Ah! Mas não tenho pressa nenhuma...

(Do «London Opinion»)

Um grande successo de livreria

À venda a nona edição, revista

11.º MILHAR

F Á T I M A

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Um vol. de 378 págs., broc., com capa a cores e oiro . . . 12\$00
Pelo correio à cobrança 13\$50

PEDIDOS AOS EDITORES:

LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SAMUEL MAIA

Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,
crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., 17\$00; broc., 12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, 73, R. Garrett, 75 — LISBOA

NOVIDADE LITERÁRIA

À VENDA

S. Banaboião, anacoreta e mártir

novo romance de AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 330 págs., broch. Esc. 12\$00

Pelo correio à cobrança . . . Esc. 13\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND - R. Garrett, 75-LISBOA

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O sindroma de Adams-Stokes

PELO DR. EDUARDO COELHO

Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 x 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. 25\$00
Pelo correio à cobrança, Esc. 27\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

Uma boa colecção de livros
de grandes autores
dá categoria a quem a possue

A LEITURA DELEITA E INSTRUE

VENDAS A PRESTAÇÕES

ENTREGA IMEDIATA DAS OBRAS
contra o pagamento da 1.ª prestação

A LIVRARIA BERTRAND

estabeleceu um sistema especial de vendas
que denominou

Crediário Cultural

Por êste sistema,—novo processo de vendas adoptado nalguns países da Europa e especialmente da América,—contribue-se para a cultura dum povo, facilitando-se a aquisição das obras dos mais notáveis autores.

Prestações mensais desde vinte e cinco escudos, segundo a importância da compra, **sem fiador, sempre com a bonificação do sorteio e com direito à escolha de obras mencionadas em catálogo especial.**

O comprador favorecido com o sorteio não paga mais nada, saldando assim a sua conta apenas pelo que tiver pago.

Peçam catalogos e informações à

LIVRARIA BERTRAND

A mais antiga livreria de Portugal

Rua Garrett, 73 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. 25\$00

≡

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Bennell e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heltor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6\$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Venda a prestações contra entrega imediata da obra. O cliente paga a 1.ª prestação e pode levar para casa os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por uma deminuta importância



HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS
antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17^{cm.} × 26^{cm.}, 18.948 págs., 6.148 grav. e mais de 50 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

Em 20 prestações mensais de Esc. 75\$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500\$00

COMO É O SORTEIO? Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o 1.º prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.ª prestação, pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de
Albino Forjaz de Sampaio
da Academia das Ciências de Lisboa

ASSINATURA EXTRAORDINÁRIA
para venda dos últimos exemplares desta edição

Os três volumes da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um álbum e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro, o que constitui um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fora do texto e 2.157 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, é escrita pelas mais eminentes figuras da especialidade, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos **A. Botelho da Costa Veiga, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Alfredo Pimenta, António Baião, Fidelino de Figueiredo, Gustavo de Matos Sequeira, Hernâni Cidade, Joaquim de Carvalho, José de Figueiredo, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge, etc., etc.**

**Cada fascículo de 32 páginas,
profusamente ilustradas,**

Esc. 10\$00

Aceitam-se assinaturas para todos os pontos do país

Examinem o fascículo-espécime em qualquer livraria

ou na

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett—LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	10\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	12\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	15\$50
ELAS E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	8\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	12\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	10\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Confe- rências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br.	8\$00
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Confe- rência), 1 fol.	12\$50
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	2\$00
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br.	15\$50
12\$00	

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. D. BELTRÃO DE FIGUEIROÁ — (5.ª edição), 1 vol. br. D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	1\$50
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	8\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	2\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	2\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	8\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	3\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75—LISBOA

MINHA SENHORA, NOTE BEM...

DIFERENÇA EVIDENTE

Os Fogareiros Vacuum gastam, em média, 1 1/2 decilitro de petróleo por hora, a trabalhar constantemente.

Mas, numa hora, o fortíssimo calor produzido por estas económicas máquinas permite fazer coisas impossíveis de conseguir com os outros fogareiros ou fogões vulgares.

FOGAREIROS VACUUM



1647
